



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E POLÍTICAS

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

**TATIANA SANTOS DE AZEVEDO**

A REPRESENTATIVIDADE DO GRUPO AFRODESCENDENTE NO MERCADO  
EDITORIAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA AUTOESTIMA A LONGO  
PRAZO

Rio de janeiro  
2022

**TATIANA SANTOS DE AZEVEDO**

**A REPRESENTATIVIDADE DO GRUPO AFRODESCENDENTE NO MERCADO  
EDITORIAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA AUTOESTIMA A LONGO  
PRAZO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Administração Pública.  
Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Pereira Barbosa

Rio de Janeiro  
2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S237 Santos de Azevedo , Tatiana  
A representatividade do grupo afrodescendente no  
mercado editorial e sua influência na formação da  
autoestima a longo prazo / Tatiana Santos de  
Azevedo . -- Rio de Janeiro, 2022.  
55 f

Orientador: José Geraldo Pereira Barbosa .  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
Graduação em Administração Pública, 2022.

1. Desenvolvimento de Consciência Racial. 2.  
Letramento racial. 3. Discriminação nas escolas. 4.  
Literatura infantil. 5. Relações étnico-raciais. I.  
Geraldo Pereira Barbosa , José , orient. II.  
Título.

## TATIANA SANTOS DE AZEVEDO

### A REPRESENTATIVIDADE DO GRUPO AFRODESCENDENTE NO MERCADO EDITORIAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA AUTOESTIMA A LONGO PRAZO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Administração Pública.  
Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Pereira Barbosa

Aprovado em: 17 de Fevereiro de 2022.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Geraldo Pereira Barbosa (Orientador)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Profa. Dra. Marina Dias de Faria  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof. Dr. Júlio César Silva Macedo  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro  
2022

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais por todo apoio, investimento e confiança na minha capacidade. Em especial, ao meu pai, meu maior incentivador e amigo, que cochilou no sofá muitas noites por não querer me deixar só enquanto eu estudava.

Aos meus amigos, que não irei nomear pois todos já sabem o quanto são amados, dedico a minha eterna gratidão por dividirem comigo esse trajeto tão penoso e tão lindo de me tornar gente. Obrigada por cada minuto, cada conversa, cada ideia trocada. E principalmente, obrigada pela jornada! Eu gostaria que todos tivessem uma rede de apoio tão sólida quanto a que eu tive. Tenho plena consciência de que essa conquista não seria possível se não fossem as pessoas que a vida me permitiu encontrar. Esse diploma não é só meu e, por isso, entrego um pedaço dele a minha família, amigos e professores.

Por fim, deixo registrado o meu “muito obrigado” e o desejo de viver num mundo em que cada pessoa tenha a oportunidade de alcançar seus objetivos. E que a realização do sonho de uma menina negra e periférica que sempre estudou em escola pública e fez pré-vestibular social possa servir de incentivo para outros(as).

*“Ser negro não é uma condição dada a priori. É um vir a ser.*

*Ser negro é tornar-se negro.”*

Neusa Santos Souza

## RESUMO

A autoestima é definida como a capacidade que um indivíduo tem de ter afeto por si mesmo. Partindo deste princípio, um bom desenvolvimento da autoestima pode impactar diversas áreas na vida de uma pessoa, positiva ou negativamente dependendo do quão sólido for esse sentimento. O objetivo deste estudo foi analisar se o acesso a livros representativos de sua etnia durante a infância influencia a formação da autoestima de pessoas negras a longo prazo. Ao longo da pesquisa, pudemos perceber que em conjunto com outras referências, os livros destinados à construção da identidade da criança negra podem promover um desenvolvimento mais saudável de sua autoimagem e conseqüentemente de sua autoestima, se utilizados de maneira estratégica. Para isso foi aplicado um questionário fechado para entendermos o ponto de vista da pessoa negra a respeito de autoestima e representatividade e entrevistas semiestruturadas foram realizadas com educadores para compreendermos após quase 20 anos da Lei 10.639/03 se como o assunto vem sendo abordado nas escolas. Os resultados da pesquisa sugerem que as pessoas fora do ambiente educacional muitas vezes nem sabem da existência da Lei. Além disso, notamos que mesmo com assim, não existe um planejamento estruturado a respeito da abordagem da temática racial, pois não há preparo dos educadores na universidade para desenvolver o assunto em sala de aula. Deste modo, o caminho a médio e longo prazo seria a participação obrigatória de professores em atividade em cursos de reciclagem, garantindo assim uma formação continuada. E para os que ainda estão na Universidade que as Instituições de ensino oferecessem disciplinas pedagógicas focada em cultura afro, preferencialmente utilizado autores(as) negros(as).

**Palavras-Chave:** Letramento racial. Discriminação nas escolas. Temática racial nas escolas.

## **ABSTRACT**

The definition is defined as the capacity that an individual has to have affection for himself. Based on this principle, a good development of self-esteem can impact several other areas of a person, positively our life. The long objective of this study was to analyze whether access to representatives of their ethnicity during childhood influences the formation of self-esteem of black people over a period of time. Throughout the research, we could see that in other references, the books built to build the identity of the identity can promote a healthier development of their self-image and consequently of their self-esteem, if used strategically. A student from closed schools was applied to understand the point of view of the black person regarding self-esteem and black representation. The research results show that people outside the educational environment are often not even aware of the existence of the Law. In addition, we note that even so, there is no specific theme of racial education, regarding the university's approach to developing the subject in classroom. In this way, the obligatory medium and long-term path of teachers of the term, the path would thus be an activity in continuous training. And for those who are still at the University that teaching institutions offer pedagogical subjects focused on Afro culture, preferably using black authors.

**Keywords:** Racial literacy. Discrimination in schools. Racial theme in schools. Racial literacy.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Coleta de dados.....	31
Quadro 2 – Perfil dos entrevistados.....	33
Quadro 3 – Conceitos.....	36

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Classe e Renda familiar.....	28
Gráfico 2 – Renda.....	32
Gráfico 3 – Escolaridade.....	33
Gráfico 4 – Autoestima.....	37

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Capa do livro “Menina Bonita do Laço de Fita” .....	24
--	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1 Contexto da problemática.....	13
1.2 Objetivos da pesquisa .....	14
1.2.1 Objetivo Principal.....	14
1.2.2 Objetivos Intermediários.....	14
1.2.3 Objetivo Secundário .....	14
1.3 Relevância da pesquisa .....	15
1.4 Delimitação da pesquisa .....	15
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>17</b>
2.1 A importância do desenvolvimento da autoestima e seus correlatos ....	17
2.2 Representatividade de pessoas negras na literatura infantil .....	21
2.3 O mercado editorial e o perfil do consumidor de livros.....	26
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>30</b>
3.1 Abordagem metodológica.....	30
3.2 Tipo de pesquisa .....	30
3.3 Coleta de dados .....	30
3.4 Sujeitos da pesquisa.....	32
3.4.1 Análise do perfil das pessoas que responderam ao questionário ...	32
3.4.2 Perfil dos entrevistados .....	39
3.5 Limitações da pesquisa .....	48
<b>4 ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	<b>35</b>
4.1 Resultados obtidos a partir das respostas ao questionário de pesquisa.....	35
4.1.2 Análise da concepção de autoestima por parte dos respondentes ao questionário.....	35
4.1.3 Importância que o respondente ao questionário atribui á representatividade na literatura e outros veículos.....	38
4.1.4 A abordagem da temática racial nas escolas .....	39
4.2 Análise das entrevistas.....	39
4.2.1 Disponibilização de material voltado para a temática racial .....	39
4.2.2 A autopercepção dos alunos do ponto de vista do educador.....	43
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>

5.2 Sugestões para futuras pesquisas.....	50
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>55</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTO DA PROBLEMÁTICA

A educação é um direito de todos os cidadãos brasileiros, segundo a Constituição Federal de 1988, sendo um dever do Estado garantir seu acesso “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, art 205). Partindo desta premissa, este estudo analisou a representatividade do grupo afrodescendente no mercado editorial infantil com a intenção de enxergar os impactos do acesso à conteúdos pensados diretamente para crianças negras no desenvolvimento da autoestima e, conseqüentemente nas relações sociais a longo prazo.

Seguindo a inferência de Assis e Avanci (2004) uma formação completa exige mais que conhecimento técnico, pois sabemos que é na interação com o outro que construímos tijolo a tijolo a nossa própria visão de mundo e de nós mesmos. Dessa forma, parece pertinente avaliar se há conseqüências no amadurecimento da pessoa negra no que tange a sua autoestima ao ter contato com representações de seus semelhantes em livros didáticos e paradidáticos. Seria impossível estudar este tema sem considerar o papel da escola enquanto instituição e, mais diretamente, dos educadores no que diz respeito à garantia de acesso à materiais específicos para a construção de uma imagem positiva de afro descendentes com o objetivo de mitigar a reprodução de práticas racistas institucionalizadas (GOMES, 2012). Não devemos ignorar o passado e como nossa sociedade foi moldada. Somos sim, uma mistura de povos, culturas e etnias, mas não somos iguais e nunca seremos (SILVA, 2021). Temos a mácula da escravidão em nossa história e esse período nada breve instaurou uma dialética que nos assombra até os dias atuais, sendo necessário grande empenho por parte do poder público em estabelecer leis e políticas capazes de escrever um futuro diferente (SCHWARCZ, 2019).

Logo, se sabemos que a sociedade em que vivemos enfrenta preconceitos de diversas naturezas, entre elas a racial, a presente análise teve como objetivo responder à seguinte questão de pesquisa: o acesso a livros representativos de sua

etnia durante a infância influencia a formação da autoestima de pessoas negras a longo prazo?

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

### 1.2.1 Objetivo Principal

Analisar se o acesso a livros representativos de sua etnia durante a infância influencia a formação da autoestima de pessoas negras a longo prazo.

### 1.2.2 Objetivos Intermediários

Os seguintes objetivos intermediários são necessários para o alcance do objetivo principal:

- Identificar se, e como o grupo afrodescendente é representado na literatura;
- Análise da concepção de autoestima de jovens adultos negros e a influência do material literário na formação da mesma;
- Investigar se os profissionais de educação consideram a representação literária um fator influente na capacidade de crianças desenvolverem uma autoimagem mais saudável ao longo do processo de aprendizado e socialização.

### 1.2.3 Objetivo secundário

Subsidiar a formulação de políticas públicas de ampliação do conceito de diversidade, em especial no que se refere a construção da autoestima de crianças negras.

### 1.3 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A autoestima é alvo de estudos de diversos profissionais há um longo tempo, mas para introduzir este assunto, vale mencionar a explanação de Coopersmith, 1967, em que o autor atribuiu à autoestima alta a maior possibilidade de alcançar metas pessoais. O autor propôs que estas pessoas eram capazes de manter uma imagem consistente de si mesmas e de suas habilidades, por isso agem de forma mais proativa podendo estar mais propensas a ocupar papéis de destaque pela facilidade de expor suas opiniões e ideias. A capacidade de lidar bem com os próprios medos induz o indivíduo a agir de maneira mais focada e realista de acordo com seus objetivos.

Deste modo, a criança com autoestima fragilizada, pode se tornar um adulto que se desenvolverá aquém de seu verdadeiro potencial, pois “a variável autoestima é a característica mais associada e preditiva do bem-estar psicológico” (FERNANDES, 2021, p. 89). Deduzimos que a construção saudável da autoimagem, autoconceito e conseqüentemente da autoestima e autoconfiança não são somente uma questão psicológica e comportamental, mas também social, pois pode afetar tanto um grupo de indivíduos, fazendo com que estes não se considerem capazes de realizar determinados feitos ou não se sintam pertencentes a alguns espaços (NOBLES, 2009).

Visto que, o racismo que vivemos é estrutural, seria benéfico à todas as crianças, e não somente às crianças negras, que o sistema escolar provesse atividades, materiais e reflexões sobre temáticas raciais. Garantindo que esse problema seja atenuado e assegurando que as próximas gerações sejam educadas de maneira diferente para que não reproduzam padrões de intolerância racial ao longo da vida.

### 1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Os estudos foram baseados na perspectiva do pesquisador Stanley Coopersmith (1967), psicólogo norte americano, estudioso dos fundamentos da construção da autoestima de crianças. Outras obras foram utilizadas para conceituar



autoestima no capítulo do referencial teórico e orientar as conclusões após a coleta de dados. Uma das obras centrais aplicadas a este estudo é *Antecedents of Self Esteem* (Antecedentes da Autoestima), que teve sua primeira publicação em 1967 do autor supramencionado. Outro texto fundamental para esta pesquisa, é *Gostando Mais de Nós Mesmos* (1999) de Ana Maria Silva e Outros, que trata da temática racial por meio de perguntas e respostas sobre autoestima.

Este trabalho não avaliou se os indivíduos que responderam aos questionários têm ou tiveram acesso à atendimento terapêutico de qualquer natureza que possa ter impactado no seu trato consigo mesmo, pois o objetivo é analisar se o acesso a livros representativos de sua etnia durante a infância influencia a formação da autoestima de pessoas negras a longo prazo. Foi escolhido analisar a autoestima a longo prazo por que não poderíamos realizar a coleta diretamente com crianças, que só seria produtiva se fosse feita de maneira presencial, o que não era adequado levando em consideração a pandemia de Covid-19. Outro ponto fundamental para esta decisão, é que os dados coletados nos questionários, indicaram que mesmo na vida adulta, os respondentes têm recordação de como a pessoa negra era, ou não era representada durante seu período escolar. O valor desta informação está na possibilidade de observar se as referências recebidas na infância são capazes de ecoar na vida adulta de um indivíduo conforme prevê a literatura.

A escolha de abordar a representatividade especificamente na literatura veio da constatação de que o poder público estabeleceu um compromisso na Constituição Federal de educar plenamente os seus futuros cidadãos. Do ponto de vista da Gestão Pública, é fundamental averiguar se as escolas estão organizadas de maneira propícia para fomentar o rompimento de preconceitos em geral, para entendermos se a imagem social construída no intelecto das crianças e jovens condiz com o que está previsto em lei. O livro didático e paradidático, mesmo com o advento da tecnologia, continua sendo o principal material de transmissão de conhecimento utilizado nas escolas e por isso, é válido analisar se estão sendo utilizados de maneira condizente com o Brasil que queremos ser no futuro.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTOESTIMA E SEUS CORRELATOS

Para que haja uma compreensão satisfatória deste estudo é necessário falar sobre os conceitos que nomeiam esta seção, a autoestima e seus correlatos: autoimagem, autoconceito e autoconfiança. O precursor das pesquisas mais aprofundadas sobre este tema foi William James, psicólogo de pensamento funcionalista, - considerava as percepções e a consciência como ferramentas servís aos nossos impulsos e necessidades. Sendo assim, James empenhava seus estudos na direção da compreensão do quanto o ser humano se utilizava das funções da mente para se adaptar ao meio ambiente no qual estava inserido. A partir de tais estudos, James dividiu o *self* (si mesmo) em duas partes: o self como sujeito e o self como objeto. O primeiro refere-se aquilo que é natural do ser somado às ideias que terceiros lhe atribuem, é totalmente subjetivo e responsável pela formação do segundo, o self como objeto. Este, por sua vez é o conjunto de tudo aquilo que o self subjetivo foi capaz de agrupar e assimilar sobre si mesmo (MENDES, 2012).

Em seu livro *The Principles of Psychology*, publicado em 1890, William determinou os dois conceitos chave deste tópico, sendo o entendimento de autoconceito representado pelo self como sujeito e a autoestima representada no self como objeto. Pode-se dizer que, se estabelecida essa correlação, a autoestima é originada a partir do autoconceito, pois só é possível atribuir valor àquilo que se conhece. Para Wallon (1975) as crianças se desenvolvem durante cinco estágios da vida que se iniciam no nascimento da criança; durante esses estágios as atividades se desenvolvem então para que ocorra a construção do “Eu” e das relações com os outros sujeitos através da interação social.

Deste modo, o desenvolvimento da autoestima positiva ou negativa ocorre logo na infância, pois considerando que nosso autoconceito é formado a partir da percepção construída através da interação com outros indivíduos, é pertinente afirmar que assim que começamos a nos inter-relacionar, começamos também o nosso processo de construção do autoconceito e conseqüentemente da autoestima.

Rosenberg (1989) acrescenta que a criança, na formação de sua autoestima, primeiramente percebe a reação das pessoas perante a ela e depois aprende a pensar em si, valorizando assim as interações sociais (ROSENBERG, 1989 *apud* ASSIS; AVANCI, 2004). Partindo dessa premissa desenvolvida por Rosenberg, não é absurdo afirmar que a autoimagem é uma espécie de “colcha de retalhos” da imagem que os outros transmitem de nós mesmos. Ora, deste modo somos impelidos a reproduzir uma espécie de hierarquia de características, físicas e comportamentais, elencando o que é mais ou menos adequado.

James (1890) também destaca que apesar de podermos identificar na infância casos de autoestima negativa, se este mecanismo social for aprimorado ao longo da vida as chances de sucesso do indivíduo aumentam. Porém, caso essa mudança não ocorra, a criança que tenha tendência a uma autoestima baixa pode carregar este sentimento para a vida adulta afetando o seu desenvolvimento em diversas áreas (VIEIRA; FREITAS, 2017).

Wade W. Nobles (2019) traz a reflexão sobre o impacto das referências simbólicas que recebemos na construção de valor do indivíduo e, neste caso em específico, na autopercepção de valor da pessoa negra, pois mesmo aqueles nascidos no período pós escravidão e que, obviamente não sofreram diretamente as mazelas daquele tempo, sofrem seus efeitos na ideia de embranquecimento presente na contemporaneidade. A cultura de embranquecimento consiste na negação do valor da pessoa negra e é perpetuada das mais variadas formas, reforçando a ideia de pessoas brancas em situações de destaque e/ou superioridade no que se refere a beleza, caráter, capacidade intelectual etc. Tais referências podem desencadear comportamentos autodestrutivos que são, na verdade, “fugas psíquicas de uma realidade profundamente antiafricana” (NOBLES, 2009, p. 290).

O negro com sua autoimagem negativada, sobreposto por estímulos do que deveria ser e não é, tende a buscar aproximar-se da maneira que pode ao ideal que lhe foi apresentado desde a infância. Todavia, sabemos que um cabelo alisado não é um cabelo liso, um nariz fino pós cirurgia não é um nariz branco e uma pele negra será sempre negra. Logo, a pessoa que tanto desejou enquadrar-se percebe que isso não é possível e que nunca será visto de forma igual, pois não o é. Daí surge a necessidade de romper com as “verdades” até então inquestionáveis e o negro percebe que o caminho para adequação está em retomar aquilo que é em essência e reconectar-se com sua identidade estética e histórica. Buscar a si mesmo e

reafirmar-se como um ser de pele preta pode ser chamado de Negritude. E dentro deste conceito, a pessoa negra consegue aproximar-se de si e do grupo ao qual pertence, compartilhando experiências e reconstruindo a autoimagem que lhe foi negada (MUNANGA, 1990).

A escritora, psiquiatra, psicanalista e membro ilustre do movimento negro brasileiro, Neusa Santos Souza (1983) contribuiu para análise crítica do racismo, papel social do negro e obviamente sobre a experiência subjetiva destes aspectos. Faremos uma breve análise de sua obra *“Tornar-se Negro”: os Efeitos do Discurso Sobre Si do Sujeito Negro numa Sociedade Branca*”, onde a autora demonstra o conflito com o qual o indivíduo não branco se depara ainda na infância: o de ser essencialmente diferente do “ideal”. Gerando assim o entendimento de que é necessário adaptar-se a tal modelo até que se dê conta de que isso não é possível produzindo frustração e a intensa sensação de não pertencimento. Pois o sujeito negro é circundado por referências das quais ele não é possuidor, tampouco poderá ser, gerando um confronto entre o “deve ser” e o que de fato é. Deste modo, ao perceber-se indubitavelmente distante do “fetiche branco, da brancura” (SOUZA, 1983, p. 4), o indivíduo tende a menosprezar-se, fragilizando assim sua autoestima, ou seja, o afeto por si mesmo.

A pessoa negra só se entende como negra a partir do convívio e comparação com outros indivíduos, pois “aquele que se apresenta como um ‘não-eu’ gera a compreensão daquilo que torna o indivíduo distinto, ajudando-o a perceber sua própria identidade.” (SILVA, 2015, p.2) Desta interação a criança entende o “pacote” de características que não lhe são atribuídas, e assim é capaz de delimitar sua autoimagem. A partir disso, a pessoa negra, neste caso a criança negra, é induzida a cobiçar o oposto de seu corpo e contexto étnico pois a suas referências irão conduzi-lo a negação de sua identidade enquanto pessoa não branca. Assim, sugere-se que a falta de representação de civilizações não brancas, além das culturas de matriz africana, mas também indígenas, orientais etc., é um eco do pensamento eugênico na contemporaneidade. Pois de forma paulatina fomos ensinados a classificar culturas, características estéticas e demais aspectos eurocêntricos de forma superior às demais. Deste modo, aqueles que não pertencem naturalmente a tal modelo, buscam enquadrar-se pelo simples fato de

não reconhecer o valor de suas próprias características físicas e histórico-sociais (SOUZA, 1983).

Crianças que sofrem preconceitos, comparações na escola tendem a comportamentos inadequados, o que as levam a uma auto atribuição negativa de seus valores, ocasionando uma autoestima baixa. Contudo, quando esta vivência é cercada de estímulo e valorização ela passa a ter uma autoavaliação positiva e conseqüentemente uma autoestima elevada (VIEIRA; FREITAS, 2017. p.11).

Não é de se espantar que exista uma “escala” entre povos, etnias, religiões, culturas e tudo o mais que envolve a civilização como a conhecemos hoje, pois é natural que aquele que possui o poder se auto classifique como superior e os demais serão definidos a partir desta ótica, como “o outro”; aquele que “não sou eu” (SILVA, 2015). A ideia de observar o outro a partir de um referencial não é nova, porém na contemporaneidade é necessário produzir e fomentar discussões sobre os reflexos desse tipo de perspectiva, especialmente sobre aqueles que estão à margem do tal referencial. Pois não é coerente reproduzir atualmente esse “darwinismo racial”, justificando a supremacia de um povo sobre os demais (SCHWARCZ, 2019). Visto que o objetivo deste tópico é auxiliar na compreensão do estudo conceituando alguns termos que se repetirão durante a explanação, vale reforçar que segundo Trzesniewski, Donnellan e Robins (2003) uma autoestima bem desenvolvida é um dos fatores responsáveis para obtenção de sucesso na adolescência e/ou vida adulta podendo afetar diversas áreas da vida do indivíduo.

O grupo social em que a criança está inserida, seja em casa ou na escola, contribuirá diretamente para a sua capacidade de valorizar-se. Se os estímulos que recebe a respeito de si mesma forem mais negativos do que positivos, isso poderá desencadear um sentimento de insuficiência e inadequação, o que fará com que essa criança lute para chamar atenção, para passar despercebida ou para mudar radicalmente editando a si mesma para alcançar o que é considerado ideal. Nenhuma dessas opções é satisfatória, visto que crianças que possuem autoestima elevada costumam ser mais proativas e sociáveis (VIEIRA, FREITAS, 2017). Vale mencionar, que os conceitos aqui tratados não são de fácil compreensão devido ao seu caráter subjetivo e psicológico. Sendo assim, sabemos que a autoestima e a autoimagem podem sofrer alterações de acordo com a capacidade intelectual, percepção do entorno e situações experimentadas pelo sujeito ao longo de sua vida (SCHLTHEISZ; APRILE, 2013).

## 2.2 REPRESENTATIVIDADE DE PESSOAS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL

A literatura facilita o entendimento de como a sociedade se organiza, e nos auxilia na compreensão de quem somos hoje e de nossa história. Na infância o acesso à leitura pode ser transformador, assim como pode ser utilizada para manutenção do *status quo* (SABINO; LOURENÇO; SILVA, 2019; RIBEIRO, 2017). Deste modo, é fundamental utilizar o material literário de maneira cautelosa direcionando estrategicamente as discussões para garantir uma formação completa (PUGA; ORTEGA, 2017).

Sendo assim, não é uma boa estratégia deixar de lado uma ferramenta tão potente quanto a literatura para criar uma base de conhecimento. Nesta mesma direção, Coelho afirma que a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. Pois o livro tem imensa responsabilidade na estruturação da ideia de mundo que será gerada na mente das crianças (COELHO, 2000).

[...] pode-se dizer que a importância do livro didático não se resume ao aspecto pedagógico nem à influência na aprendizagem e/ou ao desempenho dos alunos. Como referência de acesso ao conteúdo disciplinar da escola, ele pode também orientar os processos de desenvolvimento da personalidade do educando, pois no aspecto ideológico, a sociedade reproduz, no livro, seus valores culturais, políticos e econômicos (MARTINS; SALES; SOUZA. 2009. p.13).

Não é difícil imaginar porque no período pré-abolição os negros não eram retratados na literatura e, quando eram, seus papéis não tinham relevância positiva. Este *modus operandi* se fazia bastante coerente para manutenção do regime escravocrata que tinha como uma de suas principais teses a inferioridade dos povos não brancos, sendo o último, e conseqüentemente o pior, o povo negro. Portanto, se estes não eram considerados humanos, é compreensível que, a existência dos negros foi invisibilizada na literatura e resumida à condição de escravo, o que nada dizia sobre a pessoa negra em si, com destaque para a presumida inferioridade biológica, cultural e intelectual (CASTILHO, 2004). Sabemos que entre os livros didáticos, especialmente os de história, pouco mencionam outras civilizações que não a europeia. O que nossas crianças aprendem sobre os asiáticos e africanos?

Não precisamos ir tão longe... o que nossas crianças sabem sobre os indígenas? Muito da violência que os indígenas sofreram também é ocultada, inclusive a aniquilação cultural deste povo, conforme traz Boaventura de Sousa Santos (2007).

A violência é exercida através da proibição do uso das línguas próprias em espaços públicos, da adoção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de culto, e de todas as formas de discriminação cultural e racial. (SANTOS. 2007. p8)

Aquilo que conhecemos como História do Brasil, é fruto de uma tese falaciosa que presume que o país nasceu da união de três etnias, sendo elas a branca, representada por um rio largo e fértil, indígenas, representados por um rio menor e o os negros, representados por um rio menor ainda. O objetivo é vender um Brasil que nasceu do processo de dominação natural e pacífico dos europeus sobre as demais etnias. Não é de se estranhar que até hoje muitos tenham a ilusão de democracia racial (SCHWARCZ, 2019).

E para falarmos de representatividade, é preciso compreender as manifestações práticas dos papéis sociais de diferentes grupos existentes. Como neste estudo falaremos principalmente do desenvolvimento da autoestima de pessoas negras e seus impactos na vida adulta, é importante observar como este processo começa, pois as crianças notam que as pessoas não são todas iguais, que existem muitas diferenças e uma delas é a racial. É importante que essas questões sejam abordadas ainda na infância para facilitar a aceitação e construção da identidade (NAZARÉ; SOUSA; 2020) (FERREIRA; AMORIM, 2020).

Castilho (2004) infere que a ausência de representação ou representação negativa de pessoas negras nas histórias infantis pode gerar distorções no processo de construção identitária das crianças pertencentes a esse grupo. Porém, para a autora, não se pode ignorar que existem impactos na formação das crianças não negras também, afinal uma parcela do saber também lhes é negada. Pois ao ter contato com essas obras, permeadas por ausência ou representação negativa de pessoas negras, pode ser que a criança branca crie a autoimagem de superioridade devido a sua “raça” ser constantemente representada em perfis dominante.

Vale refletir por quê ainda hoje é possível notar tamanha discrepância na maneira em que diferentes personagens são abordados não só na literatura infantil, mas de forma geral na mídia e nas demais expressões socioculturais e educativas.

Segundo a autora Gomes (2012), estamos num momento tenso, no qual passamos a questionar os esquemas de poder e como a história nos foi contada. Obviamente, a escola é um ambiente fundamental para a socialização e construção da identidade do indivíduo, mas enquanto não houver iniciativas voltadas para as questões sociais de forma profunda, ela pode se tornar uma incubadora de preconceitos, onde as crianças aprendem apenas a reproduzi-los (FERREIRA; CAMARGO, 2011). Por isso, não é difícil encontrar pesquisas relacionados à dinâmica escolar e seus efeitos, constatando que coisas simples como demonstração de diversidade estética em atividades lúdicas podem gerar excelentes resultados (CARVALHO; FRANÇA, 2019).

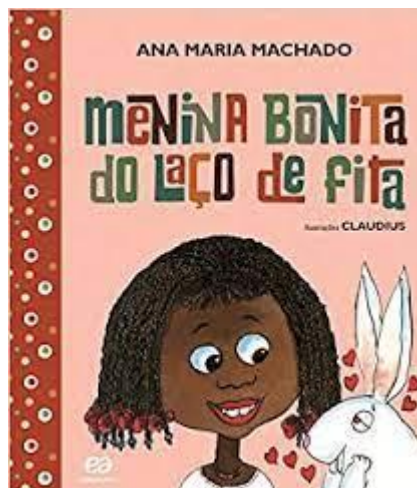
Outro ponto interessante é que nem sempre os professores têm condições de abordar a temática racial com seus alunos. E isso ocorre porque o conteúdo destinado ao público afro é tão pouco difundido que não alcança a Academia. Ou seja, temos professores que apesar de entenderem a necessidade de abordar o tema, não se sentem preparados para tal e acabam tratando do assunto apenas na semana do dia 20 de novembro conforme a ementa das instituições prevê (BERNARDO, SILVA, 2020).

Apesar de todos, enquanto sociedade, sabermos que o racismo existe, poucos são capazes de admitir ou apontar práticas racistas cotidianas. A negação do racismo tem uma dimensão individual, como também social, pois quem nega a prática racista não se preocupa somente em não parecer racista, mas em defender a imagem de seu grupo de que não são racistas (RIEDEMANN; STEFONI, 2015). Ou seja, se alguns educadores e/ou produtores de conteúdos educativos não enxergam a incidência de comportamentos que fomentam a segregação entre as crianças, automaticamente não considerarão necessário o desenvolvimento de atividades escolares que promovam a construção saudável da identidade da criança não branca. A escola é responsável pelo enfrentamento do preconceito nos seus espaços, e isso só é possível com a adoção de mudanças concretas que possibilitem o surgimento de novos valores e práticas (GOMES, 2005). Dessa forma, surge a necessidade de avaliar os materiais utilizados para apoiar a educação e a escola para o enfrentamento do preconceito e do racismo, de forma a estimular mais publicações na área que possam contribuir com ações efetivas de combate ao racismo na esfera escolar e educacional (CARVALHO; FRANÇA, 2019).



Gouvêa (2005) demonstrou que a literatura destinada a crianças no Brasil produziu personagens negros estereotipados, a partir de referências culturais etnocêntricas. O que contribui para que o racismo e o entendimento de inferioridade do indivíduo não branco permaneçam, de forma velada, entre nós. Nesta perspectiva, investigar como a literatura tem se posicionado com relação à identidade racial na infância é um movimento necessário para ajudar a criança negra, desde os primeiros anos, a se reconhecer como sujeito nos espaços. Para isto, é imprescindível tecer um diálogo honesto, problematizando as questões de raça, gênero e classe tanto na educação infantil, como no mercado editorial. (SOUZA, 2021)

*Imagem 1 – Capa do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”*



Fonte: Google Imagens

Avaliando a subjetividade contida na capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita da autora Ana Maria Machado, podemos notar o semblante sorridente da menina de pele retinta e o encantamento do coelho ao observá-la. Outro ponto de atenção é seu cabelo enfeitado e o posicionamento central da menina na capa, demonstrando que a protagonista, “a menina bonita”, é ela. Ora, pensemos no impacto positivo para uma criança de características semelhantes ao “se ver” representado (a) numa imagem tão singela. E, não menos importante, o impacto positivo para a criança não negra na construção de um conceito de belo mais democrático. (SANTOS; VALE 2021)

Comumente, descreve-se no âmbito social, e, particularmente no espaço educacional que todos somos “iguais”, porém é possível constatar que existe um cenário de omissão sobre a identidade negra e tudo que envolve sua cultura, criando um abismo entre as escolas e a história africana. A Lei 10.639/03, ao alterar a Lei no 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, propondo, então a desmitificação da imagem de negros (as) escravizados e incapazes com o intuito de que se propague uma identidade positiva destas pessoas. Essa construção deve ser feita desde os primeiros anos através de práticas propostas pelos docentes, ressaltando a importância do povo negro na formação da sociedade e do que hoje entendemos como Brasil. (BERNARDO, SILVA, 2020). A leitura do texto de Bernardo e Silva, pode nos levar a crer que talvez um belo discurso não seja capaz de promover um desenvolvimento satisfatório de consciência racial nas crianças, pois elas constroem o conhecimento do que é certo e do que é errado com a ajuda do adulto e dos exemplos que incorpora em seu próprio comportamento.

Reforçando o entendimento de aprendizagem por meio da observação, Yves de La Taille (2017), especialista em psicologia moral, argumenta que a criança “aprende” a se comportar de forma ética observando o meio no qual está inserida, e isso acontece principalmente porque não tem capacidade de discernimento e os conceitos que ela irá carregar serão produzidos a partir das referências que absorve. E segundo o autor o círculo social afeta diretamente o desenvolvimento ético-moral. Logo, se uma criança ou adolescente pratica “bullying”, ela própria está sinalizando que há uma falha no seu senso moral, que implica basicamente num conjunto de normas sociais que estabelecem que devemos respeitar o outro em sua liberdade, dignidade e ser justos com ele. Estas atitudes preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnicorraciais e sociais, afetam o aprendizado, criando uma falha especialmente para o aluno negro, pois lhe falta um ambiente amistoso onde ele se sinta acolhido para desenvolver interagir. Neste caso, a escola pode se tornar um local de sofrimento do ponto de vista social, o que faz com que aluno possivelmente desista de frequentar se tiver chance (MUNANGA, 2005). A maneira que as instituições de ensino tratam estes incidentes é determinante para que as crianças retornem a interação sadia, pois a prática de “bullying” de qualquer natureza é prejudicial para o agredido e para o agressor. Do agredido porque terá

sua dignidade arranhada e o agressor pela falha moral. Taille, (2017) afirma que as escolas tendem a tratar a questão de forma psicológica, deixando de lado o fator comportamental, como se todas as crianças que praticam “bullying” tivessem algum desvio psicológico. Dessa maneira, a criança que pratica a agressão pode simplesmente entender o ato como brincadeira, pois não é capaz de diferenciar uma coisa da outra, o que não necessariamente tem um cunho psicológico.

Por falta de preparo para lidar com manifestações preconceituosas, as escolas nem sempre são capazes de tirar proveito destas para promover discussões sobre diversidade. O “bullying” ocorre quando as crianças se dão conta de que são diferentes e aplicam uma escala de superioridade a uma determinada característica física ou comportamental, definindo que A é melhor que B. Se as escolas tomassem mão desses eventos para observar onde está a falha, inserindo-os no processo de aprendizagem fazendo com que as crianças compreendam que está tudo bem ser diferente e que isso enriquece a sociedade e as nossas relações, talvez não tivéssemos crianças que se descobrem de fato somente na vida adulta (MUNANGA, 2005). Pois “à medida que ignoramos que a cultura africana é relevante ao desenvolvimento do país, nos distanciamos da consciência de que tratar da cultura brasileira é tratar de uma cultura multifacetada” (SOUZA, 2021.p.84).

### 2.3 O MERCADO EDITORIAL E O PERFIL DO CONSUMIDOR DE LIVROS

Segundo o autor do livro “Consumidores e Cidadãos”, Néstor García Canclini (2008), não há como separar consumo de comportamento. Para ele, existe uma conexão direta entre o comportamento e o que as pessoas de um determinado grupo social vivenciam, ou deixam de vivenciar, por meio daquilo que consomem e/ou experimentam. De certo modo, o autor nos leva a refletir sobre o quanto a nossa maneira de consumir afeta o que de fato somos e não o contrário. Ora, se consumirmos muitos alimentos naturais, seremos mais saudáveis. Se consumirmos muita bebida alcóolica, talvez nos tornemos alcoolistas. O consumo constrói parte do ser e contribui para moldar a forma que interagimos em meios sociais, formando “tribos”. Aqueles que andam de skate tem uma maneira determinada de vestimenta

que os difere das pessoas que não andam de skate. Consumo e comportamento caminham de mãos dadas e...

A leitura é valorizada por mudar a forma de se enxergar a realidade e permitir o pensamento crítico, o aperfeiçoamento das habilidades de leitura, da fala, escrita e raciocínio, além do desenvolvimento humano e social do indivíduo (PEREIRA; VENTURINI, 2011. p.2).

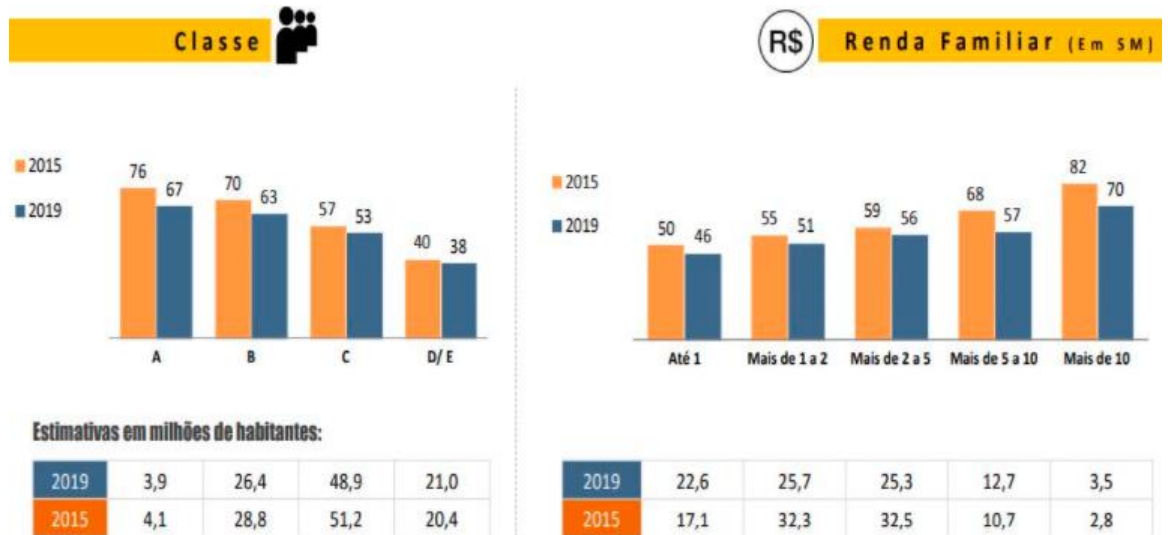
Seria pertinente afirmar que grupos sociais que não possuem o hábito de leitura tendem a ter dificuldades maiores em seu desenvolvimento? Certamente seria perigoso estabelecer essa premissa, porém é inquestionável os aspectos positivos oriundos do apreço pela literatura de forma ampla. O Brasil, infelizmente não é um país em que livros paradidáticos são acessíveis a todas as classes, “o preço influencia 22% dos leitores na hora da compra e é o principal fator de decisão na escolha de um título.” (REDAÇÃO DO VERMELHO, 2020. p.1). Portanto, quanto menor o poder aquisitivo, menos livros as pessoas tendem a comprar, criando uma discrepância de consumo deste tipo de item entre as classes.

A forma pela qual os brasileiros têm acesso à livros ainda é majoritariamente a compra em livrarias físicas ou virtuais. Porém, a quinta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil (2020)” nos mostrou que 27 milhões dos brasileiros de classe C consomem livros por meio de compra, sendo diretamente afetados com a oscilação de preços no setor. Sabemos que a aquisição de livros não está na lista de prioridades de consumo das famílias mais pobres e por isso é fundamental que o poder público crie maneiras de tornar os itens literários acessíveis para crianças de todas as camadas sociais (ZOARA, 2020).

A demanda do livro varia estreitamente com o poder de compra da população, sendo também influenciada por seus produtos substitutos/complementares, relacionados ao lazer e à educação, como compact discs, CD-ROMs, vídeos, entre outros (BNDES, 2020. p.13).

Portanto, é importante considerar o nicho sócio econômico ao qual o leitor pertence, pois, a sua escala de prioridades pode ser encabeçada por itens de necessidade básica, sendo a aquisição de livros algo totalmente fora de sua realidade. Como podemos observar na imagem abaixo, a maior parte dos leitores está concentrada em família de maior renda.

Gráfico 1 – Classe e Renda familiar



Fonte: 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil

O mercado editorial vem evoluindo na produção de livros infanto-juvenis ao longo dos anos. Segundo a pesquisa de Produção e Vendas no Setor Editorial Brasileiro realizada pela SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), houve um aumento de 3,9% (2018) para 9,2% (2019) na produção de livros infantis e de 1,9% (2018) para 3,2% (2019) de livros juvenis, considerando a produção total. Vale ressaltar que os livros didáticos ainda dominam o topo da lista ocupando 47,5%(2019) das produções do setor.

Desde a Lei de 2003, houve um aumento gradativo na produção de livros infantis e infanto-juvenis destinados à temáticas raciais e de valorização da cultura e características da pessoa negra. Isto ocorreu não só pela existência da Lei, mas também como resultado de um longo e lento processo de ocupação de novos espaços que, promove uma necessidade de inserção da diversidade na mídia e produções culturais como um todo (PESTANA, 2021).

Furtado e Gagno (2009), trazem uma reflexão sobre a importância da seleção adequada do livro didático e os pilares que devem contribuir para esta escolha. Cabe ao mercado editorial garantir a oferta de livros que contemplem os aspectos

científicos, culturais e sociais de maneira satisfatória e, aos profissionais de educação cabe a missão de garimpar o material didático mais adequado ao perfil de seus alunos. É fundamental garantir que as crianças, foco deste estudo, tenham acesso a livros capazes de “apresentar características pedagógicas onde professor e aluno sejam críticos e reflexivos em relação aos conteúdos ali abordados” (FURTADO, GAGNO 2009).

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Este capítulo apresenta os métodos de pesquisa escolhidos para coleta e análise de dados que possibilitaram responder ao objetivo da pesquisa.

#### **3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA**

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi quali-quantitativa. Segundo Dalfovo, Lana e Silveira (2008), a pesquisa é quali-quantitativa quando há um levantamento de dados e a explicação do porquê da escolha dos mesmos. A abordagem quantitativa se manifesta em tudo que pode ser mensurado em números, classificados e analisados, utilizando-se técnicas estatísticas. Já a qualitativa não é necessariamente traduzida em números, pretendendo-se verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, com mais de uma interpretação pelo autor.

#### **3.2 TIPO DE PESQUISA**

A pesquisa foi do tipo aplicada e com finalidade exploratória, pois objetivou levantar dados para verificação da existência de disparidade entre as representações de pessoas negras e brancas na literatura infantil. Avaliou-se o desequilíbrio de representatividade e os possíveis impactos no desenvolvimento da autoestima de pessoas negras, dando a entender que existe a necessidade de formulação de políticas públicas para solucionar este problema.

#### **3.3 COLETA DE DADOS**

Foi aplicada a análise de conteúdo, seguindo as três etapas de Bardin (1997): pré-análise, exploração material e tratamento dos dados obtidos/interpretação para analisar as entrevistas. Já nos questionários, foram analisados por meio de estatística descritiva. Deste modo, foi possível manter uma lógica entre o que se

esperava da coleta de dados e o que foi feito para alcançar os objetivos de pesquisa.

*Quadro 1 – Coleta de Dados*

COLETA DE DADOS				
ETAPA	MÉTODO	MEIO DE COLETA	PARTICIPANTES	TRATAMENTO DE DADOS
ETAPA 1	Questionário Fechado	Google Foms	86	Estatística Descritiva / Análise Qauntitativa
ETAPA 2	Entrevista Semiestruturada	Zoom	4	Análise Conteúdo

Fonte: Elaborado pela autora

Foram coletados dados por meio de questionário fechado (Etapa 1) com jovens adultos negros que tenham sido alfabetizados na cidade do Rio de Janeiro afim de atender o objetivo principal da pesquisa que é analisar se a produção de livros para crianças negras influencia na formação da autoestima a longo prazo segundo a percepção do consumidor carioca. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Etapa 2) com profissionais da educação da rede pública e privada para análise da perspectiva do professor a respeito do uso de materiais específicos para desenvolvimento da identidade racial de seus alunos.

As entrevistas foram gravadas via Zoom com a autorização dos entrevistados. O método Bola de Neve (ou Cadeia de Referências) foi aplicado, induzindo que os entrevistados indicassem outros profissionais capazes de participar das entrevistas. Este método foi utilizado na intenção de aumentar o número de entrevistados para detectar padrões e garantir um distanciamento entre o pesquisador e os entrevistados, saindo da sua rede de amigos e/ou conhecidos.

Sobre o questionário fechado em anexo, a finalidade era detectar como jovens adultos negros alfabetizados na cidade do Rio de Janeiro assimilaram as representações de personagens negros em obras literárias e verificar se o acesso ou a falta desse tipo de material impactou de alguma maneira em sua formação como indivíduo focando em construção da autoestima e percepção de autoimagem.



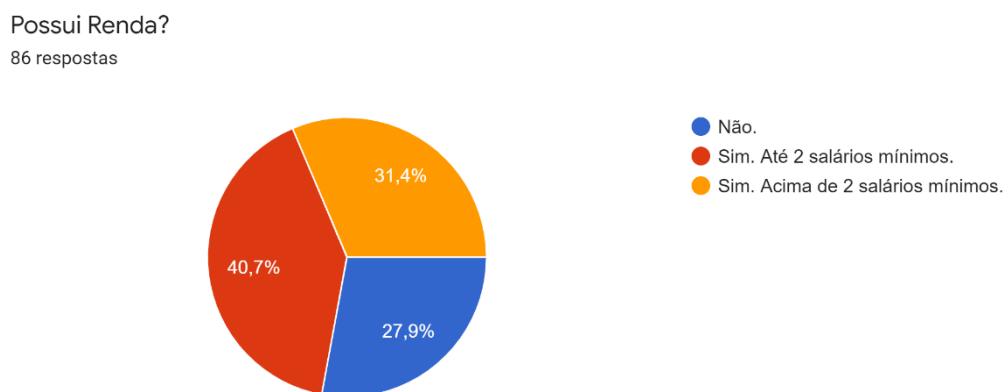
### 3.4 SUJEITOS DA PESQUISA

#### 3.4.1 Análise do perfil das pessoas que responderam ao questionário

A análise apresentada a seguir foi extraída das 86 respostas obtidas por meio de questionário eletrônico via Google Forms, aplicado a jovens e adultos negros com idade entre 15 e 35 anos que tenham sido alfabetizados na cidade do Rio de Janeiro-RJ. A escolha desses sujeitos foi baseada na intenção de detectar se tais jovens tiveram ou não acesso a conteúdo literário com representação de personagens negros e se isso impactou no seu desenvolvimento enquanto indivíduos e na formação de sua autoestima. O questionário foi empregado de forma anônima, porém foi exigido login para garantir que cada pessoa o respondesse apenas uma vez.

Foi possível constatar que 65,1% das pessoas que responderam têm entre 25 e 35 anos. A renda dos indivíduos, exposta no Gráfico 1, está distribuída de modo que aqueles que possuem renda a partir de 1 salário mínimo representam 72,1% do total e os que não possuem renda são 27,9%.

*Gráfico 2 – Renda*



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de resultados da pesquisa

Analisando o Gráfico 2, podemos notar que a maioria, chegando a um total de 97,7% das pessoas que responderam ao questionário possuem escolaridade acima

do ensino fundamental e, entre esses, mais de 82% têm ensino superior completo ou estão cursando a universidade.

*Gráfico 2 – Escolaridade*

Grau de Escolaridade  
86 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de resultados da pesquisa

Além disso, devemos considerar que 45,3% dos participantes cursaram a maior parte de seu ensino formal em instituições particulares e, 54,7% estudaram majoritariamente em instituições públicas. Portanto, esta variável não pode ser utilizada para estabelecer alguma conclusão devido a distribuição uniforme entre as duas opções.

### 3.4.2 Perfil dos entrevistados

*Quadro 2 – Perfil do Entrevistado*

PERFIL DOS EDUCADORES ENTREVISTADOS							
Identificação	Graduação	Formado em Universidade	Leciona há	Faixa etária dos alunos	Leciona em escola(s)	Etnia	Gênero
P1	Licenciatura e Bacharelado em Matemática	Pública	10 anos	12 a 17 anos	Privada	Preta	F
P2	Bacharelado em Ed. Física ; Escola Normal	Privada	5 anos	04 a 10 anos	Privada	Branca	F
P3	Licenciatura e Bacharelado em Letras (Port e Espanhol)	Pública	5 anos	10 a 15 anos	Pública	Branca	F
P4	Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia	Pública	3 anos	10 a 15 anos	Pública	Preto	M

Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de resultados da pesquisa

**Legenda: P1 = Professora 1; P2 = Professora 2; P3 = Professora 3; P4 = Professor 4; F = Feminino; M = Masculino.**

### 3.5 LIMITAÇÕES DE PESQUISA

Apesar do questionário ter sido aplicado de forma anônima para garantir a imparcialidade da pesquisadora e a privacidade das 86 pessoas que se dispuseram a respondê-lo, vale destacar que muitos fazem parte do meio de convívio da pesquisadora, o que acaba abrangendo um alto número de pessoas com perfil semelhante. Sendo assim, está posto que principalmente as características de escolaridade e renda não podem ser aplicadas de forma generalista à Cidade do Rio de Janeiro, delimitado para esta pesquisa.

Além disso, não foram encontrados dados precisos de fontes confiáveis a respeito da produção de livros especificamente voltados para a temática racial, relevante para a este estudo.

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Este capítulo tem como finalidade avaliar os dados coletados na pesquisa de campo e compará-los as informações apresentadas no referencial teórico afim de confirmar ou refutar as proposições expostas na literatura. As considerações serão extraídas dos gráficos gerados pelo questionário, diálogos das entrevistas e análise expositiva dos resultados quantitativos e qualitativos.

### 4.1 RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

#### **4.1.2 Análise da concepção de autoestima por parte dos respondentes ao questionário**

Observando os dados obtidos no questionário, podemos realizar algumas inferências a respeito do ponto de vista do sujeito em comparação à revisão de literatura. Ao serem questionados se autoestima, autoconceito e autoconfiança são a mesma coisa, a maioria (93%) respondeu que não são a mesma coisa, porém são conceitos correlatos, confirmando a teoria de William James (1890), trazendo a ideia de que autoconceito não é igual a autoestima. De modo que, o autoconceito sendo positivo ou negativo, gerado a partir da interação do indivíduo com o ambiente, irá provocar o desenvolvimento da autoestima, que por sua vez, é a visão que o indivíduo cria de si mesmo, podendo oscilar ao longo da vida. Para complementar o entendimento, a Tabela 1 apresenta as definições de James em sua forma mais resumida, e a definição de autoimagem do psicoterapeuta canadense, Nathaniel Branden, que dialoga muito bem com as conclusões de James.

Quadro 3 - Conceitos

CONCEITO	DEFINIÇÃO	AUTOR
AUTOCONCEITO	Gerado a partir da interação do indivíduo com o meio, ou seja, pela maneira que o outro o enxerga. Altamente influenciada pelas referências sociais.	William James (1890)
AUTOESTIMA	Gerada a partir da AUTOIMAGEM estabelecida a priori, influenciando no grau de afeto que a pessoa tem por si mesma.	William James (1890)
AUTOIMAGEM	Autoimagem é quem ou o que pensamos que somos. Um compilado de características físicas, emocionais e etc. Praticamente une as definições de William James, pois prevê a inclinação natural que temos desde a infância em absorver aquilo que dizem sobre nós (Autoconceito), mas não exclui a capacidade de questionamento e redefinição dessas ideias ao longo da vida (Autostima).	Nathaniel Branden (2002)

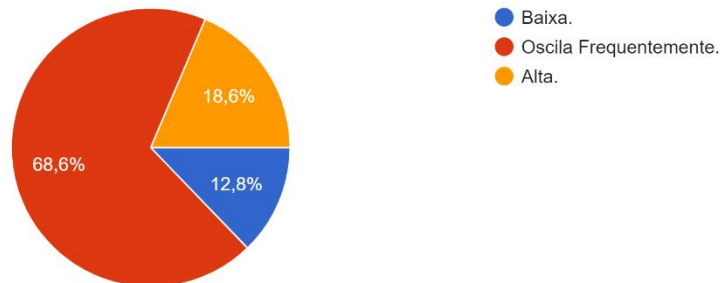
Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de James (1890) e Branden (2002)

Outro ponto de atenção é que apenas 12,8% dos participantes acreditam que crianças com baixa autoestima se tornarão adultos com o mesmo potencial de sucesso do que crianças que possuem autoestima elevada. Ou seja, os dados novamente acompanham a literatura, validando a ideia de Vieira e Freitas, 2017 de que a “a criança que tende a uma autoestima baixa pode permanecer com este sentimento ao longo da vida, afetando seu desenvolvimento pessoal e profissional.” Obviamente, todo o ambiente no qual a criança está inserida irá afetar a construção de sua autoestima, com destaque para o ambiente escolar e familiar. Não é incomum falarmos que crianças são “esponjas”, isso porque sabemos que elas absorvem a fala, os gestos e a longo prazo, reproduzem ideias, mesmo sem ter completa consciência sobre o que dizem. Isso também vale para a maneira que a criança passa a ver a si mesma, pois ela se enxerga a partir do olhar do outro antes de saber quem de fato é.

### Gráfico 4 – Autoestima

Como você classificaria sua autoestima?

86 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022) a partir de resultados da pesquisa

O gráfico 4 nos mostra que apenas 18,6% das pessoas que responderam consideram sua autoestima alta. Conforme demonstrado em outros gráficos no *Anexo I.a – Relatório do questionário*, 86% deles já se sentiram inseguros em relação a sua aparência e 84% se recordam de ter sofrido ofensas e/ou de terem sido tratados de forma diferente por causa das características físicas do ponto de vista racial (ex.: cabelos, formato do nariz e/ou lábios, tom de pele etc.). Segundo Zattoni (2011), 93% das pessoas acreditam que o elogio pode representar a ideia que os outros tem da criança afetando a maneira como ela vê a si mesma. A expressividade dos números não nega que é comum para a criança e para o jovem negro conviver com o sentimento de rejeição gerado pela sua condição de pessoa não branca. Silva (2016) já havia concluído que apesar da cor da pele não definir a essência de uma pessoa, o que ocorre na prática é um juízo de (des)valor a partir dessa característica, entre outros fenótipos. Sendo assim, lidar cotidianamente com este empasse pode gerar traumas que, se não tratados, ecoam por toda a vida do indivíduo. Considerando que apenas 17,4% dessas pessoas tem lembrança de terem visto personagens negros representados em livros didáticos ou não, fora do perfil escravizado e/ou marginalizado, podemos deduzir que, além dos demais fatores, a falta de representação positiva de seus semelhantes e por consequência, de si mesmos, pode ter criado uma espécie de lacuna no que seria o desenvolvimento saudável da autoestima dessas pessoas. Esta consideração foi feita por Castilho (2004), na qual o autor ressalta o quanto a imagem da pessoa negra foi - e em alguns casos, ainda é - estereotipada e

carregada de simbolismos que levam a criança a rejeitar sua semelhança àqueles arquétipos.

#### **4.1.3 Importância que o respondente ao questionário atribui à representatividade na literatura e outros veículos**

Sabemos que não só a literatura contribui para construção da nossa visão de mundo e, como se esperava, os dados demonstraram que 91,9% dos sujeitos acreditam que as referências visuais recebidas na infância (TV, internet, literatura etc.) ajudaram a moldar a sua percepção de estética e social. Isto valida o empiricamente o entendimento de Nobles (2009) sobre a importância do aparato político midiático no desenvolvimento de padrões estéticos e ideias. Trazendo para o recorte literário dentro deste aparelho, vimos que 100% das pessoas consideram importante que crianças se vejam representadas em livros também e não só na TV. Sim, de fato é importante, visto que na infância boa parte do nosso tempo se resume ao convívio escolar e o livro, seja ele didático ou paradidático, é uma das principais ferramentas pedagógicas. Sendo assim, por meio deles é possível imprimir conceitos garantindo uma boa formação do ponto de vista técnico e social, o que nos remete diretamente aos estudos de Puga e Ortega (2017).

Retomando a literatura, Sabino, Lourenço e Silva (2019), argumentam sobre o quão importante é o acesso à literatura na infância como via de mudança se utilizada maneira estratégica para este fim, pode de ser uma boa maneira de facilitar o entendimento de como a sociedade se organiza, auxiliando na compreensão de quem somos e de nossa história coletiva. Por outro lado, Ribeiro (2017), destaca que a literatura também pode ser usada para manutenção do status quo e como meio de propagar as ideias de classes dominantes. Os dados nos mostram que 83,7% tiveram acesso à livros não didáticos durante sua formação escolar e 87,7% consideram que o hábito de ler pode ajudar na qualidade da formação de um indivíduo, na sua relação consigo mesmo e com aqueles que o cercam. Porém vale retornar ao dado de que dentre estes, mais de 82% não se recorda de ter visto pessoas negras fora do perfil escravizado ou marginalizado. Sendo assim, podemos concluir que nossa

estatística está mais alinhada observação de Djamila, visto que, pelo menos na infância dos que responderam, não houve uma tentativa de utilizar a literatura para trabalhar a temática racial.

#### **4.1.4 A abordagem da temática racial nas escolas**

De acordo com os resultados da pesquisa, 95,3% dos respondentes são a favor de que temas raciais sejam abordados na escola, pois é importante para formação de consciência e letramento racial. Os outros 4,7% estão distribuídos entre pessoas que acreditam que este tema deve ser tratado em casa pelos responsáveis e pessoas que acreditam que crianças não compreendem este tipo de assunto.

Apesar de pouco menos da metade (45,3%) das pessoas que responderam nunca terem ouvido falar da Lei 10.639/03, temos números bastante otimistas, acima dos 90%, sobre a aplicação de leis como a mencionada na atenuação de práticas de racismo a médio e longo prazo.

## **4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

### **4.2.1 Disponibilização de material voltado para a temática racial**

Não é de se estranhar que o Dia da Consciência Negra, celebrado todo 20 de novembro, não seja suficiente para evitar que crianças negras sofram “racismo recreativo” (termo muito bem colocado pelo educador P3). O ponto é que não basta prestar homenagens e/ou decretar feriados se não existirem atividades rotineiras que promovam a inclusão étnico racial. A fala da Professora 1 resume bem o ponto central de toda a discussão:

P1 - É insuportável viver com o racismo, infelizmente a gente não tem como se exilar porque ele está em todo lugar. É insuportável viver com a falta de identidade.



Pensar em livros como um dos meios principais de difusão da mentalidade colonial, especialmente na infância devido ao tempo que crianças dedicam a escola parece óbvio, mas ao mesmo tempo pode não ser funcional. A reflexão que se pretende levantar aqui pode encontrar barreiras na questão de classe limitando o acesso de muitas famílias à livros paradidáticos. Se é assim, devemos garantir que, pelo menos os livros didáticos conttenham este tipo de conteúdo, especialmente nas escolas públicas. Não é necessário ter um capítulo ou dois falando sobre racismo, a linguagem pode e deve ser adaptada para que o assunto seja inserido de maneira orgânica no aprendizado, inserindo mais personagens negros nos livros.

P4 – (...) é importante incluir a literatura porque mesmo de formas sutis a gente consegue trabalhar questões bem pontuais, ou deixar uma faísca para ela ter uma visão mais ampla.

Por que não fazer A “Maria” negra e o “Joãozinho” indígena nos livros, por exemplo? Ou como a brilhante colocação da educadora P2, por que não utilizamos o “Pequeno Príncipe” negro?

O discurso dos entrevistados cruza a literatura no ponto em que a P1 ressalta que é importante que seja garantido que a educação contemple a história brasileira como de fato é, e não somente do ponto de vista exploratório, remetendo a problemática da imagem da pessoa negra somente no perfil escravizado, obras com esse viés podem dar um tom de “confirmação” da supremacia branca estigmatizando e enfraquecendo a imagem cultural dos demais povos, entre eles o povo negro como ressaltou Castilho (2004).

P1 - A gente só trabalha o Brasil do ponto de vista da exploração, imagina se mudasse... É óbvio que vamos ver adolescentes falando que não querem ter filho de cabelo duro e que não pode tomar sol demais senão a pele escurece, que não querem se casar com homem ou mulher preta. Para muita gente isso é muito normal, então quanto antes a criança possa aprender sobre isso melhor. A gente precisa garantir que isso seja passado para eles.

Além disso, um ponto de atenção ainda na fala da P1 é que quando aparecem personagens negros, em geral são meninas pretas:

P1 - Não tem personagens negros. Se tiver é um preto que é a cota. Os demais são brancos. E eu notei que em sua maioria são meninas pretas, nunca um menino. Por que um livro didático não pode ter só personagens pretos?

Defende-se aqui que a representação positivada de pessoas não brancas pode produzir uma sociedade que finalmente caminhará em direção à equidade. Torna-se necessário resgatar nossos adultos e evitar que as crianças se percam por não compreenderem o seu lugar no mundo ou por duvidarem que esse lugar exista. A criança negra (assim como qualquer criança) precisa se reconhecer bela e capaz. Elas precisam sonhar, pois o sucesso nasce de dentro para fora. Sucesso é um estado mental que se materializa em conquistas, porque quem não acredita, muitas vezes não se dá ao trabalho de tentar pelo medo fracasso. Como vimos na literatura, é possível reverter um caso de autoestima baixa, mas seria mais fácil e, até mesmo, mais inteligente produzir ambientes mais férteis para o desenvolvimento saudável da autoestima. O Professor 4 (P4) apontou ao longo da entrevista o quanto esse processo de epifania pode ser solitário, pois a busca de reconectar-se consigo mesmo não é simples e não é rápida.

P1 - Conforme você vai ficando mais velho, você percebe que sua pele não vai ficar mais clara, seu cabelo não vai ficar menos encaracolado, seu nariz não vai afinar e seu lábio não vai diminuir. Isso é muito dolorido para uma criança e para um adolescente que está se descobrindo.

Seguindo a lógica de Fanon (2008), é essencial que haja material pensado especificamente para crianças negras, como livros, inclusive de história, músicas etc. Pois segundo o autor “até prova em contrário, estimamos que, se há traumatismo, ele se situa neste momento da vida.” (FANON, 2008, p. 132). E o momento ao qual o autor se refere é a infância. Conforme a coleta feita nas entrevistas, foi possível notar uma concordância entre os educadores P3 e P4, que trabalham em escolas municipais, pertencentes à Prefeitura do Rio de Janeiro no que se referente a disponibilização, ainda que mal gerenciada, de material voltado para temática racial., Verifica-se que existe material, mas que este não é amplamente difundido e utilizado.

P4 - Tem material, mas não é bem disponibilizado. Não me ofereceram, mas com o tempo eu descobri que tinha muita coisa legal, livros muito interessantes. Provavelmente por má gestão ou falta de incentivo da

prefeitura de aprofundar essas discussões, mas eu acho que vem mudando aos poucos sim.

Porém, o fato do material ser insuficiente não se torna um impeditivo, pois ambos (P3 e P4) têm liberdade de incluir materiais e temas em suas aulas.

P3 - O material ao qual tive acesso não tinha problemas em relação a adequação, mas ainda é muito pouco em relação à suficiência. Por ser professora da rede pública, tenho uma certa liberdade de produzir material e nada me impede de fazer coisas e produzir coisas para preencher determinado assunto. Então a insuficiência de material fornecido acaba não sendo um problema.

Já no ponto de vista das outras entrevistados, P1 e P2, professoras de escolas privadas, ouvimos uma história diferente. Para essas duas educadoras, não é disponibilizado nenhum material voltado para a temática racial e ambos enfrentam resistência em caso de tentativa de incluir conteúdos fora do programa definido pela escola. Cada um por suas razões, acabam não tendo liberdade de inserir o assunto em suas aulas. A Professora 1 (P1) relatou que se sente restrita ao material fornecido pela escola e que até pode incluir alguma coisa contanto que não seja frequente e que não interfira no programa. Segundo a P2, uma das tentativas resultou no seu desligamento da escola.

P2 – Já aconteceu de eu fazer um trabalho que ficou exposto e eu tive problemas a ponto de ter que me desligar da escola. Eu estava dando aula de ritmos e eu trabalhei o funk. Sabemos o preconceito em cima dele, mas levei e fiz um trabalho pedagógico. Então sei que não foi por ementa, foi pelo tema.

O fato de as escolas disponibilizarem material insuficiente e deixarem a critério dos professores tratar ou não determinado assunto, gera uma certa discrepância entre as aulas, de modo que as crianças não tenham uma educação uniforme como deveriam. Segue o relato da P3 a respeito desse assunto:

P3 - Como educadora considero um problema que não seja homogênea a perspectiva dos professores em relação ao tratamento do tema. O ponto central é como esse tema é abordado. Se chegamos no 13 de maio discutindo a abolição da escravidão dizendo como a Princesa Isabel é boazinha porque assinou a Lei áurea, era melhor nem ter falado! Para mim a questão da perspectiva de quem é enunciador, a partir de que lugar ele está falando e as considerações a respeito disso. Não é apenas trabalhar as questões étnico raciais, mas trabalha a partir de que viés? Se a gente só tem referenciais brancos, não tem um autor negro e principalmente uma autora, uma mulher negra, como referência é mais um problema. Que tipo de material a gente está levando? O que esse material aborda?

Dois dos professores entrevistados relataram não sentir interesse dos colegas por estudar e tratar este tipo de tema em sala de aula, o que levantou outra questão: o quão preparados os professores estão para abordar esse assunto com seus alunos? E a resposta unânime foi que não há preparo para que os educadores desenvolvam a temática racial do ponto de vista pedagógico. Assim, podemos perceber que a defasagem não está apenas no ensino básico, mas em todas as camadas educacionais.

P1 - A universidade não nos prepara para lidar com esse tipo de coisa, ela nos prepara para trabalhar. Eu acho que a XXXX<sup>1</sup> tem uma certa preocupação com o magistério, mas em ser um bom professor na visão deles. A questão é, a XXXX<sup>1</sup> prepara o professor para o magistério, mas **não** prepara o professor para lidar com o aluno e suas particularidades.

P2 - Não sinto essa preocupação nos meus colegas, nunca me foi apresentado como estudante nem na faculdade, e eu comecei a ter interesse quando fui fazer o TCC. Eu sou a única professora dentro do meu ciclo de colegas que fala sobre isso.

Ao serem questionados se acreditam que iniciativas legais como a Lei 10.639/03 são eficazes em produzir resultados no cotidiano educacional, tivemos a P2 dizendo “Sim, mas ainda está muito distante”, no sentido de que falta preparar os educadores para lidar com questões de diversidade em geral e garantir que todo material utilizado colabore com a inclusão. Já a P1 relata que é importante existirem leis como essa, mas mais importante ainda é garantir sua aplicação de maneira eficiente.

P1 - Uma coisa é existir a lei, outra coisa é a aplicação dessa lei. Tanto que eu não vejo isso na escola. A lei precisa ser aplicada em todo o contexto escolar, a gente precisa saber quem é aquele aluno para que se eles reconheçam naquilo que eles são.

#### **4.2.2 A autopercepção dos alunos do ponto de vista do educador**

Foi possível identificar durante a realização das entrevistas deste trabalho que os professores possuem opiniões distintas a respeito da autopercepção dos seus alunos. Ao serem questionados se notam diferença entre a forma que crianças negras e brancas enxergam a si mesmas, podemos ver que a colocação da Professora 2 (P2) e do Professor 4 (P4)

corroboram a discussão trazida por Nazaré, Sousa, Ferreira e Amorim (2020) de que as crianças percebem que não são todas iguais e, que entre as diferenças que existem, está a raça.

P2 - Eu já tive caso de criança que não se aceitava negra. Ela olhava para si e eu perguntava a cor da pele dela, ela me dizia que era branca, e ela não era!

Assim como a P2, o P4 trouxe um relato semelhante de que seus alunos não querem ser negros e, que apesar de não se declararem brancos, também não se declaram negros. Porém, um ponto de atenção é que para a P3, o fator mais importante a se considerar é se a criança tem contato com esse tipo de tema, pois a falta de contato afetará a sua capacidade de sintetizar o que está acontecendo. Além disso, a P3 reforça que não se trata de inteligência ou idade e sim de adequação.

P3 - Não que ela não vá entender, porque criança não é burro(a), não é porque é criança que é menos inteligente. É questão de fase, adequação de linguagem, de tratamento das coisas. Mas ela pode ter um pouco mais de dificuldade para alcançar algumas coisas que uma criança que já está inserida na discussão vai conseguir pegar com mais facilidade. Depende do contexto que a criança está inserida e da criança em si.

Outro relato interessante compartilhado pelo P4, foi de que não podemos tratar isoladamente a questão de raça. É preciso trabalhar a temática racial em conjunto com o recorte de classe. Segundo ele, que atuou anteriormente numa escola de classe média, é nítido que as crianças se desenvolviam melhor independentemente da cor, devido ao acesso e estímulos que os alunos recebiam. Em comparação com os alunos da atual escola, situada num bairro periférico do Rio de Janeiro, ele não conseguiu notar uma diferença que fosse perpassada pela cor da pele. A partir da colocação de P4 poderíamos dizer que a questão de raça não é um fator capaz de influenciar o desenvolvimento de um aluno se for analisado de forma isolada? Para a P1, apesar de trazer o assunto em outras palavras, podemos identificar o reforço da colocação do P4 em relação a interseccionalidade entre raça e classe. Relatou que os poucos alunos negros da escola são, em sua maioria,

bolsistas. E que são eles os que mais reprovam, porque muitas vezes tem um déficit educacional a ser suprido e tem dificuldade em acompanhar os demais alunos.

P1 - A maioria dos alunos que reprovam são pretos. Não quero generalizar, mas a maioria dos bolsistas são pretos e são eles que ficam reprovados. Tem que analisar cada ponto em que esse aluno está inserido, porque na maioria das vezes, o aluno preto, mesmo que tenha as mesmas condições do aluno branco, para ele ainda vai pesar a questão racial.

Com relação à pergunta se consideram que uma boa formação identitária influencia no desenvolvimento escolar do aluno, P1 e P2 foram categóricos ao afirmar que sim, inclusive que “A criança ter uma autoestima e ter uma autoafirmação, se identificar... influencia muito em relação a educação.” (P1). Pois para estes dois educadores, tem a ver com garantir que a criança acredite que consegue aprender e isso está diretamente ligado à sua autoimagem. Alinhado a estas reflexões, o P4 ressalta que é fundamental fazer com que a criança se sinta acolhida no ambiente escolar, e que costuma facilitar que isso aconteça trazendo para dentro de sala aula referências do cotidiano. Caso contrário, assim como foi apresentado na literatura, Munanga (2005) ressalta que a escola pode se tornar um lugar de sofrimento para o aluno se ele não se sentir pertencente aquele espaço.

Por fim, foi perguntado aos professores se eles acreditam que as crianças percebem e compreendem diferenças raciais. A educadora P3 reforçou que depende do quanto a criança está acostumada a ter esse tipo de discussão e, caso esteja, ela “...vai conseguir perceber e fazer reflexões e apontamentos extremamente pertinentes” (P3). Já o P1, ressaltou que talvez a criança não compreenda, mas se sente diferente e não pertencente aquele lugar. Segundo a P1, este sentimento costuma desencadear um processo de “resposta” no qual o aluno forja uma persona na tentativa de se encaixar ou se fecha em si mesma e ambos os comportamentos afetam negativamente o seu desempenho. A fala da P1 nos faz revisitar as conjecturas feitas por Nobles (2009) de que a tentativa de se enquadrar na branquitude pode fazer com a que a pessoa negra desenvolva comportamentos nocivos para si mesma.

Já a P2 deu a seguinte resposta:

P2 - Acredito que depende da idade. Além da idade, às vezes a criança nem se entende direito como uma criança preta, mas ela entende que está sendo agredida, mesmo que não saiba que é racismo.

Vale reforçar que para a P2, a criança talvez não compreenda o racismo, mas compreende a agressão. Por outro lado, o educador P4 destaca que as crianças negras compreendem perfeitamente que o mundo não foi feito para elas, mesmo que não sejam capazes de sintetizar esse fato. Tal qual Souza (1983), o P4 nos leva a refletir sobre a fragmentação da autoestima da pessoa negra ao deparar-se com um mundo no qual tudo aquilo que ele não é, é enaltecido frequentemente. Criando um contraste entre quem ele é o que ele “deveria” ser, gerando frustração e, em alguns casos, a negação de si mesmo. E quando se trata de crianças, o P4 afirmou:

P4 - Elas podem não expressar isso verbalmente agora, mas elas têm noção, mesmo que de forma inconsciente, que o mundo que elas vivem foi feito para pessoas brancas. É só elas ligarem a televisão, ver Netflix. (...) a estima já é afetada desde a infância.

Complementando a colocação do educador P4, ao longo da entrevista a educadora P3 frisou a importância de fomentar a valorização da pessoa negra pois, na contramão, as pessoas brancas têm sua imagem reforçada o tempo inteiro.

P3 - A valorização tem que acontecer. A gente ‘tá’ o tempo todo vendo que a pessoa branca é bonita, se tem olhos claros é mais bonita, se tem um determinado corpo é ainda mais bonita. Como não atribuir valor num processo de reconstrução? E não tem problema a garota loira ser considerada bonita. Mas se existe um movimento de valorização de um determinado padrão, por que isso não pode acontecer para outros padrões? O problema está na valorização de um e a desvalorização do outro.

Afirmar a existência do racismo e a maneiras que ele se manifesta é a forma mais estratégica de combatê-lo. Não é natural que num país onde a maioria das pessoas não se declara branca, não se perceba referências sólidas a pessoas negras e indígenas. Retomando a colocação da educadora P3, é preciso construir uma imagem de valor para a pessoa negra, tal qual é feito com as pessoas brancas. Não se trata de criar uma escala do que é mais belo ou do que é melhor. Trata-se de atribuir valor a todo ser humano de maneira equivalente, de modo que ao ver um filme ou novela não aconteça a comum constatação de que tem um, dois ou nenhum

personagem negro na obra. E quando aparecem, muitas vezes são personagens que tem um enredo completamente dependente do personagem principal, que em geral é branco. Torna-se necessário falar do problema que é o posicionamento de pessoas negras orbitando a branquitude na produção artística em geral.

Como foi mencionado pelo P1, “quando criança a gente quer ser o que a gente vê. Você quer ser o ator/atriz mirim que faz sucesso, ninguém quer ser a *Pata* ou o *Cirilo*.” Nesta fala, dois pontos são fundamentais. Primeiro a necessidade de ter pessoas negras em posições de destaque e em segundo lugar, a importância dos demais meios de comunicação. Apesar do foco deste estudo ter sido orientado para a representatividade na literatura, não podemos esquecer que não faria sentido ter livros bem elaborados para este fim e não termos uma lógica semelhante nos demais veículos de informação, especialmente na TV. Se essa representatividade não se manifestar na TV que ela venha, antes de tudo, na escola! Os resultados da pesquisa sugerem que não cabe mais dizer que as crianças não entendem esse tipo de assunto. Sim, elas terão mais dificuldade de compreensão caso nunca tenham sido apresentadas a discussões sobre diversidade, mas não podemos negar a máxima de que não precisamos saber o que é o fogo para sermos queimados e, é assim que o racismo se manifesta em pessoas que não possuem letramento racial. A falta de conhecimento sobre o assunto não as isenta de sofrer o impacto. E falando especificamente de pessoas não negras, a falta de problematização desse assunto pode colocá-las numa posição de conforto, conforme foi afirmado por P3 na fala: “É difícil para a pessoa que está no auge do privilégio perceber que tem gente que não tem os mesmos privilégios que ela.”.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi analisado ao longo deste trabalho o impacto da autoestima na vida de um indivíduo. Sendo a escola um dos principais - se não o principal, ambiente no qual as crianças interagem com outras pessoas, não se pode questionar a importância de garantir que a escola seja um espaço democrático capaz de auxiliar a formação completa de novos cidadãos. A subjetividade de nossas crianças merece atenção, mas infelizmente não é difícil encontrar pessoas que reproduzam um discurso semelhante ao da mãe de um dos alunos do educador P4, que afirmou que "esse negócio de artes não vai ajudar meu filho, ele vem para escola para estudar". De certa forma, as escolas tradicionais nem sempre são zelosas com a esfera abstrata do desenvolvimento infantil.

Neste estudo, trabalhou-se especificamente o recorte racial com o objetivo de analisar se o acesso a livros representativos durante a infância de crianças negras influencia na formação de sua autoestima a longo prazo. Foi possível constatar que a maioria das pessoas que responderam ao questionário não se recordam de ver pessoas negras fora do perfil escravizado e mais de 71% consideram sua autoestima baixa ou oscilante. E o ponto que deve ser ressaltado é que apenas 15,1% não se recorda de ter sofrido algum tipo de "brincadeira de mau gosto" devido às características fenotípicas. Ora, se todos nós nascemos sem consciência de quem somos e do nosso lugar no mundo, passamos a crer naquilo que nos é dito e mostrado. Não se está afirmando que crianças são "sacos vazios esperando para serem enchidos", mas de fato, como vimos na literatura e na coleta, ter referências é um fator determinante para que a criança consiga construir uma autoimagem positiva.

O ideal é fazer com a que criança não cresça desejando ser outra coisa. O ideal é que a criança não diga que é "morena" para negar o fato de ser negra por considerar menos ruim. Isso só ocorre pela falta de valorização da pessoa negra como um todo, perpassando a estética, a suposta inclinação para criminalidade, violência e lascívia. Chegamos num ponto em que muitos já se deram conta de que a Globeza não representa a mulher negra e que o menino negro deveria sonhar em ser outra coisa além de jogador de futebol. O que nos diferencia dos animais além do raciocínio é a nossa subjetividade intelectual. Os questionamentos sobre

quem somos, por que estamos aqui e para onde vamos, nos fazem humanos. Negar o sonho é, em parte, negar o que nos faz gente. Educar crianças de maneira completa é um ato político porque no sentido prático facilita a mobilidade social e no sentido abstrato, gera esperança.

Sabe-se que a situação já foi pior e atualmente existe espaço para discussão da temática racial, mas o processo é longo e uma boa maneira de avançar é detectando o que está sendo feito errado agora para corrigir. Já vimos que não basta colocar pessoas negras na TV e nos livros e sim, sobre colocar essas pessoas em destaque positivado. Não se trata somente de ter presença de pessoas negras na televisão e livros, mas principalmente da mensagem que será passada por aquele personagem.

Foi possível identificar diversos pontos de conexão entre a literatura e o que de fato acontece. Pudemos ver especialmente que o material utilizado nas escolas nas últimas duas gerações não possui conteúdo adequado em relação a inclusão de pessoas negras. Constatamos também que existe um desequilíbrio entre escolas públicas e particulares no que tange a temática racial, e que as escolas públicas, de certa maneira, estão um passo a frente por promoverem um ambiente mais flexível ao professor que queira abordar o assunto. Por outro lado, como o material fornecido pela escola não é amplamente difundido e os professores não têm sua formação orientada para desenvolver o tema, acaba ficando a critério do professor levar ou não estes assuntos para sala de aula, gerando falta de uniformidade no tratamento do tópico em questão. Outro ponto que podemos ressaltar é que a maioria das pessoas considera importante que as crianças se sintam representadas não só na televisão, mas também em livros e que as referências visuais recebidas na infância (TV, internet, literatura etc.) ajudaram a moldar a sua percepção de estética, reforçando a necessidade de difundir a imagem positiva da pessoa negra nos meios de comunicação.

Os resultados da pesquisa sugerem que além de revisar o conteúdo programático - que deveria contemplar a cultura e a vida do povo negro sem a mácula da escravidão, seja realizado um trabalho minucioso nos gráficos dos livros didáticos para promover equivalência entre personagens negros e brancos. Também seria importante que os indígenas aparecessem em outro contexto que não fosse a dominação portuguesa e Dia do Índio, negligenciando completamente a

complexidade de sua cultura e contribuição para todos nós enquanto nação. A estratégia consiste em educar as gerações futuras para compreender que negros e indígenas tem uma história de valor incalculável. Para isso os professores precisam estar prontos para lidar com esse tipo de assunto e, como vimos nas entrevistas, não existe uma formação estruturada que aborde o tema a não ser que o profissional decida se aprofundar por conta própria ou se especializar na área. Não é simples e não é rápido, mas fornecer formação continuada para os professores já em atividade pode ser um bom caminho para compor um novo padrão na maneira de debater a temática racial. Além disso, seria interessante incluir na matriz curricular dos cursos de licenciatura disciplinas obrigatórias para preparar os professores a desenvolver o assunto de forma simples, porém estratégica com seus alunos. Creio que para estudos futuros seria proveitoso aprofundar um pouco mais o entendimento de professores atuantes acerca do assunto para que seja possível desenhar um plano de ação viável contando com o engajamento dos profissionais da educação para que ele seja de fato executado.

Ora, se não podemos fugir para outro lugar onde não exista racismo (entre tantos outros problemas sociais), nos resta trabalhar para que este mundo seja um lugar menos cruel, especialmente para as crianças. A mudança precisa ocorrer onde tudo começa: na escola. A escola é o lugar onde o Estado imprime sua essência e o seu plano de futuro. E nos é assegurado pela CF 88 o direito de ao pleno desenvolvimento e preparação para que sejamos cidadãos devidamente preparados para o mercado de trabalho.

## 5.1 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Acreditados que seja fundamental aprofundar os estudos dos impactos do desenvolvimento da autoestima na infância e seu impacto ao longo da vida dos indivíduos. Neste ponto, reforçamos que a autoestima de todas as crianças deveria ser trabalhada de maneira mais estratégica, em especial de crianças não brancas ou que pertençam a qualquer grupo posicionado à margem. Para isso, seria interessante realizar pesquisas para verificar a necessidade de maior investimento em políticas públicas de inclusão e diversidade. Esse viés estratégico seria para

facilitar uma formação completa das crianças para que sejam capazes de crescer de maneira emocionalmente mais saudável.

Além do mais, pesquisar com leitura adulta voltadas para a temática racial também podem ser via de conclusões significativas no que tange a reconexão da pessoa negra com a sua cultura, história e estética. Outro ponto relevante é a capacitação de professores de maneira orientada para que sejam mais preparados pedagogicamente para lidar com questões subjetivas e investir por quê tais medidas ainda não foram tomadas, se estatisticamente o racismo se manifesta em números de óbitos, desempregados e miseráveis sendo ocupados majoritariamente por pessoas negras.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Persona Psicologia, 1977.

BERNARDO, Ane Cristine dos Santos; SILVA, Alex Sander da. A inserção da literatura afro-brasileira e as suas contribuições perante a construção da identidade da criança na educação infantil. **Revista Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 4, n. 1, jan./abr. 2020.

BRANDEN, Nathaniel. **Autoestima e os seus seis pilares**. Tradução de Vera Caputo. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLACITI, Alethéa Kennerly. A Construção do autoconceito na infância: sua importância no processo de desenvolvimento da criança. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, São Paulo, ano 4, n. 7, 2006. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/qFxYGXkTWtI5d7Q\\_2013-5-10-15-38-36.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/qFxYGXkTWtI5d7Q_2013-5-10-15-38-36.pdf) . Acesso em: 3 maio 2021.

COOPERSMITH, Stanley. **The antecedents of self-esteem**. New York: WH Freeman and Co, 1967.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/4464>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: ADUFBA, 2008.

FERNANDES, Marlene. **A influência da autoestima, das competências emocionais e dos comportamentos de saúde no bem-estar psicológico do adolescente**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/70683746.pdf>. Acesso em: 3 maio 2021.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo Sem Fronteiras**, Minas Gerais, v. 12, p. 98-109, jan./abr. 2012.

JAMES, William. **The Principles Of Psychology**. New York: Consulting Psychologists Pr., 1890.

LA TAILLE, Yves de. **Conflito, violência, moral e ética**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p2PPT5SyNXU>. Acesso em: 9 out. 2021.

LA TAILLE, Yves de. **Entrevista à revista Época: as crianças notam contradições éticas**. 2011. Disponível em

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT229202-15228-229202-3934,00.html>. Acesso em: 9 out. 2021.

NOBLES, Wade. **Sakhu Sheti**: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa. (Org.) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora . São Paulo: Selo Negro , 2009. p. 277-298.

PEREIRA, Eliana de Jesus; FRAZAO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro dos. Leitura Infantil: o valor da leitura para a formação de futuros leitores. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, 15., Juazeiro do Norte. **Anais** [...]. 2012. Juazeiro do Norte : UFC, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17431/14213>. Acesso em: 9 mar. 2021.

SABINO, Geruza de Fátima Tomé; LOURENÇO, Lucilene Gonçalves de Oliveira; SILVA, Davidson Bruno da. Racismo e representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura “construindo a própria história”, **Zero a Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 39, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n39p170>. Acesso em: 9 mar. 2021.

SANCHES, Isabela. Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, jun. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>. Acesso em: 2 maio 2021.

SANCHES, Isabela. Educação e saúde: perspectivas para a autoestima de crianças negras no processo de escolarização. **Universidade Federal de São Paulo**, São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/>. Acesso em: 2 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**, out.2007. Disponível em: [https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para\\_alem\\_do\\_pensamento\\_abissal\\_RCCS78.PDF](https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78.PDF) Acesso em: 24 de fevereiro 2022.

SANTOS, Jhones. As percepções de professores e estudantes de uma escola pública de ensino fundamental I acerca das imagens afrodescendentes representadas no livro didático de história. **Universidade Federal de Alagoas**, Maceió, dez. 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. 4 ed. São Paulo: Companhia de Bolso 2010.

SILVA, Ana Celia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2 ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. p. 21-38

SILVA, Ana Maria. **Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre auto-estima e questão racial**. Local: Editora, 1999.

SILVA, Denise Almeida. Para gostar de ser: literatura negra, racismo e autoestima. **Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões**, Rio Grande do Sul, jan. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7330>. Acesso em: 3 maio 2021.

TRZESNIEWSKI, Kali; DONELLAN, Brent; ROBINS, Richard. **Stability of self-esteem across the life span**. Califórnia, *Journal of Personality and Social Psychology*, 2003.

VIEIRA, Patrícia Lorrane Rodrigues de Ataíde; FREITAS, Maria Cecília Martínez Amaro. **A criança e o desenvolvimento da autoestima**. In: MOSTRA CIENTÍFICA DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIEVANGÉLICA, 2., 2017, Anápolis. **Anais [...]**. Anápolis: UNIEVANGÉLICA, 2017. p. 108-119.

## **ANEXOS**

Anexo I – Questionário de pesquisa

Anexo I.a – Relatório do questionário

Anexo II – Roteiro de Entrevista

Anexo III - Relatos de violência racial e comportamento dos alunos a respeito da própria imagem



## QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

**Tipo:** Fechado

**Sujeito:** Jovens e adultos negros com idade entre 15 e 35 anos que tenham sido alfabetizados na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

**Objetivo:** detectar se tais jovens tiveram ou não acesso a conteúdo literário com representação de personagens negros e se isso impactou no seu desenvolvimento enquanto indivíduos e na formação de sua autoestima.

*(Perfil do sujeito)*

**1 Qual a sua faixa etária?**

15 à 25 anos

25 à 35 anos

**2 Possui Renda?**

Não

Sim. Até 2 salários mínimos.

Sim. Acima 2 salários mínimos

**3 Você cursou a maior parte do ensino formal em...**

Instituições Privadas

Instituições Públicas

**4 Grau de escolaridade**

Fundamental Completo

Médio Completo

Superior (completo ou em curso)

*(Perguntas para coleta)*

**5 Você teve acesso à livros não didáticos durante sua formação escolar?** Na infância o acesso à leitura pode ser transformador, assim como pode ser utilizada para manutenção do status quo. (SABINO; LOURENÇO E SILVA. 2019; DJAMILA 2017).

Sim

Não

**6 Na sua opinião, autoestima, autoconceito e autoconfiança são a mesma coisa?**

(Sendo o entendimento de autoimagem representado pelo o self como sujeito e a autoestima representada no self como objeto. JAMES, 1890)

Sim. Tem o mesmo significado.

Não são a mesma coisa, todavia correlatos.

Não sou capaz de opinar.

**7 Você se recorda de ter visto personagens negros representados em livros (didáticos ou não) de maneira positiva, ou seja, além do perfil escravizado e/ou marginalizado?**

"A presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau."(CASTILHO, 2004. p.104)

Sim

Não

**8 Você acha importante que crianças se vejam representadas em livros e não só na TV?**

"Dada sua importância de não ser apenas um entretenimento, mas, sim, possibilidades de percepção do mundo e caminhos de construção do conhecimento, o cuidado com o conteúdo de livros infantis é essencial para se cumprirem os objetivos de uma boa formação" (PUGA; ORTEGA. 2017)

Sim

Não

**9 Você considera que o hábito de ler pode ajudar na qualidade da formação de um indivíduo, na sua relação consigo mesmo e com aqueles que o cercam?**

A literatura facilita o entendimento de como a sociedade se organiza, tal qual nos leva a compreensão de quem somos hoje e de nossa história. (SABINO; LOURENÇO E SILVA. 2019)

Sim

Não

**10 Você acha que crianças com baixa autoestima se tornam adultos com o mesmo potencial de sucesso que as crianças de autoestima elevada?**

"a criança que tende a uma autoestima baixa pode permanecer com este sentimento ao longo

da vida, afetando seu desenvolvimento pessoal e profissional. ” (VIEIRA, 2018. p.2)

Sim

Não

**11 Como você classificaria sua autoestima?** “A autoestima é considerada um dos principais produtores de resultados favoráveis na adolescência e na vida adulta, tendo implicações em áreas como sucesso ocupacional, relacionamentos interpessoais e desempenho acadêmico” (Trzesniewski, Donnellan & Robins, 2003).

Baixa.

Oscila frequentemente.

Alta.

**12 Você já se sentiu inseguro em relação a sua aparência do ponto de vista racial? (ex.: cabelos, formato do nariz e/ou lábios, tom de pele, etc.)** O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal de identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (SOUZA, 1983, p. 5)

Sim.

Não.

**13 Você acredita que as referências visuais recebidas na infância (TV, internet, literatura, etc) ajudaram a moldar a sua percepção de estética e social?** “Como o embranquecimento se dá a partir da negação do valor da pessoa negra e se perpetua por meio de um aparato político-midiático em que pessoas brancas estão na posição de poder e de referência da beleza, em detrimento às pessoas negras, surge, no negro, o desejo de se aproximar da brancura” (NOBLES, 2009, p. 288)

Sim

Não

**14 Você se recorda de ter sofrido bullying, brincadeiras de “mau gosto” ou ter sido tratado de forma diferente por causa das características físicas? (ex.: cabelos, formato do nariz e/ou lábios, tom de pele, etc.)** “A cor da pele não deveria definir a essência de um indivíduo. No entanto, assim não tem acontecido: na qualidade de elemento corporal mais visível, a epiderme e as características fenotípicas têm sido

tomadas como sinais diacríticos, com função frequentemente inferiorizante.” (SILVA, 2016)

( ) Sim

( ) Não

**15 “O elogio pode se configurar como a maneira pela qual as opiniões do outro se mostram para a criança e interferem na maneira com que ela vê a si mesma e, portanto, no processo de formação da autoestima.(ZATTONI 2011) ” Você concorda com esta afirmação?**

( ) Sim.

( ) Não.

**16 Você é a favor de que temas raciais sejam abordados na escola?**

( ) Sim. Pois é importante para formação de consciência e letramento racial.

( ) Não. Crianças não entendem esse tipo de assunto.

( ) Não. Isso deve ser ensinado em casa pelos responsáveis.

**17 Você já ouviu falar da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas?**

( ) Sim.

( ) Não.

**18 Você acredita que leis como a mencionada na questão acima podem ajudar a amenizar práticas de racismo a médio/longo prazo?**

**19** ( ) Sim.

**20** ( ) Não.

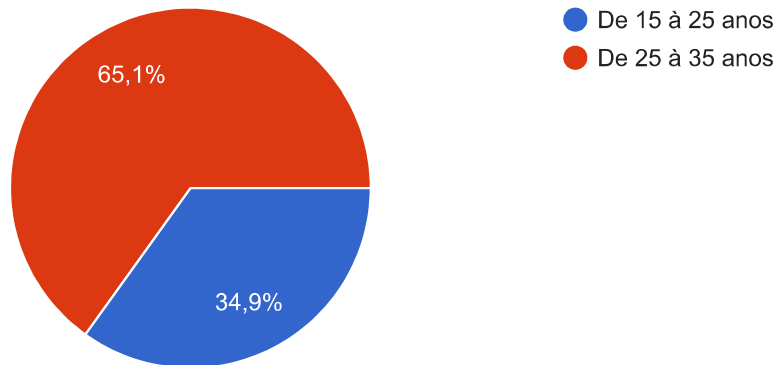
# QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

86 respostas

[Publicar análise](#)

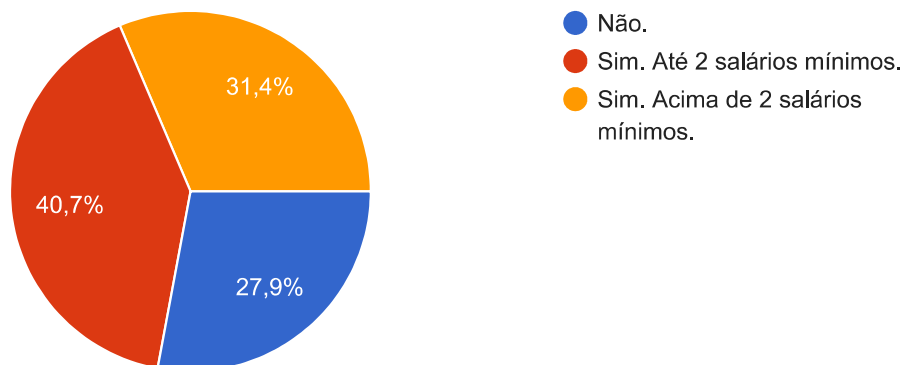
## Qual a sua faixa etária?

86 respostas



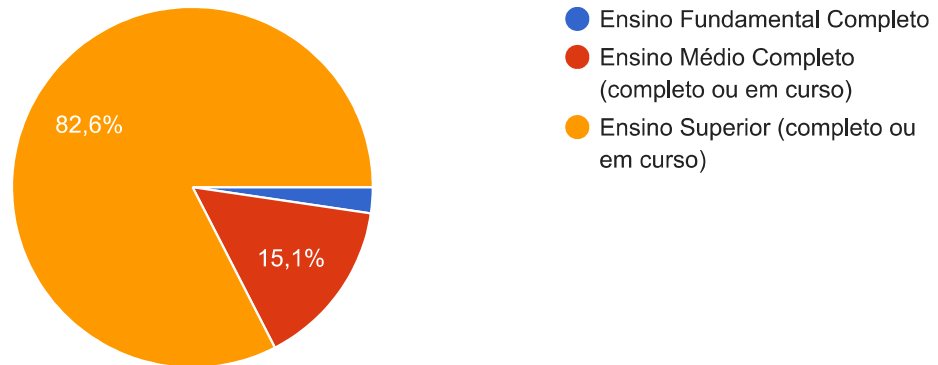
## Possui Renda?

86 respostas



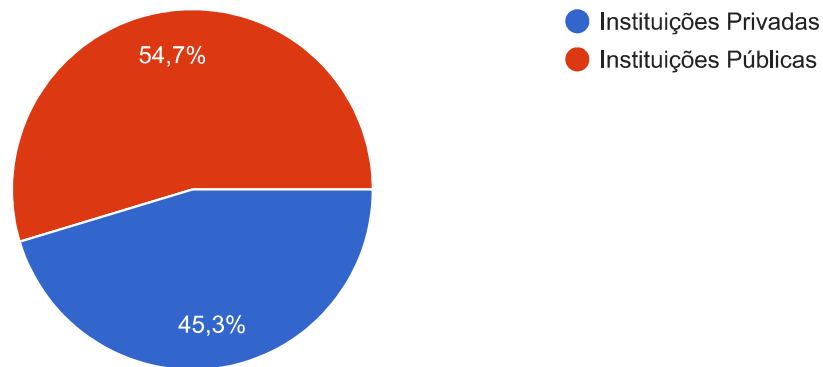
### Grau de Escolaridade

86 respostas



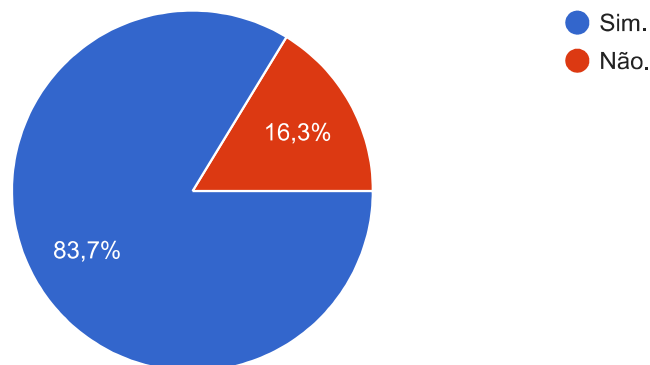
### Você cursou a maior parte do ensino formal em...

86 respostas



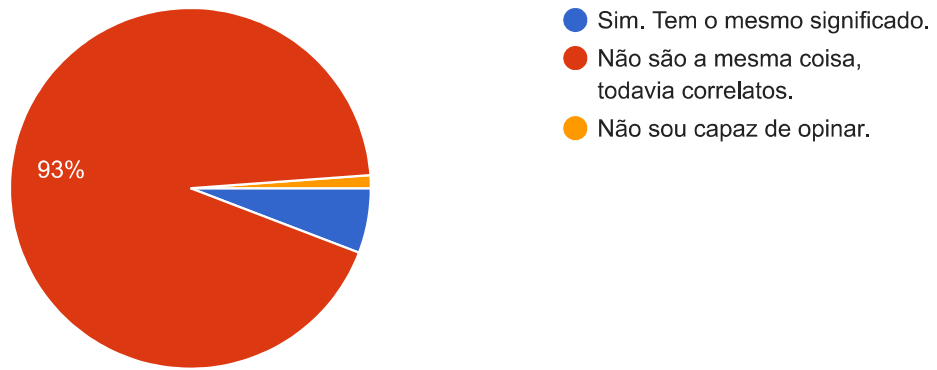
### Você teve acesso à livros não didáticos durante sua formação escolar?

86 respostas



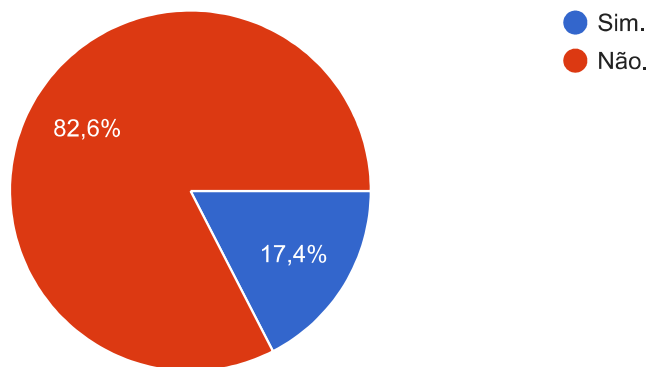
Na sua opinião, autoestima, autoconceito e autoconfiança são a mesma coisa?

86 respostas



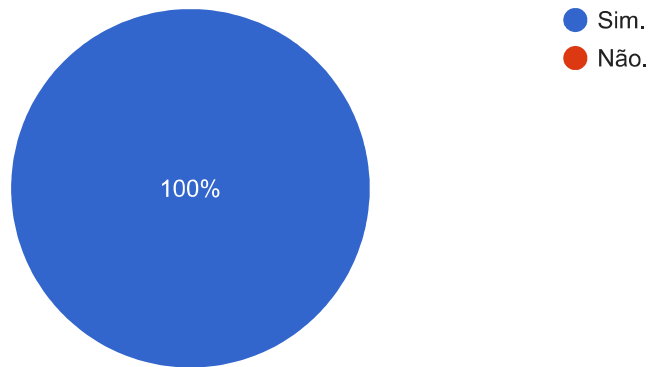
Você se recorda de ter visto personagens negros representados em livros (didáticos ou não) de maneira positiva, ou seja, além do perfil escravizado e/ou marginalizado?

86 respostas



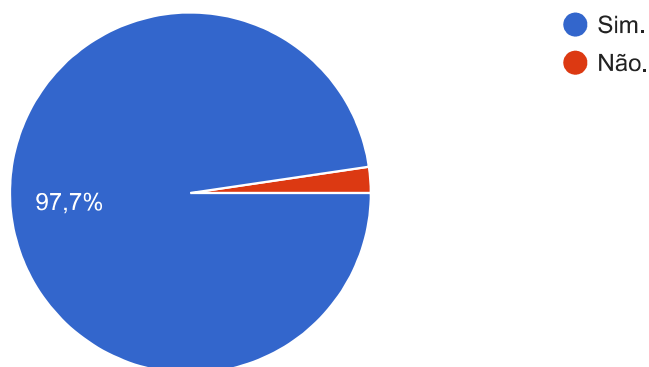
Você acha importante que crianças se vejam representadas em livros e não só na TV?

86 respostas



Você considera que o hábito de ler pode ajudar na qualidade da formação de um indivíduo, na sua relação consigo mesmo e com aqueles que o cercam?

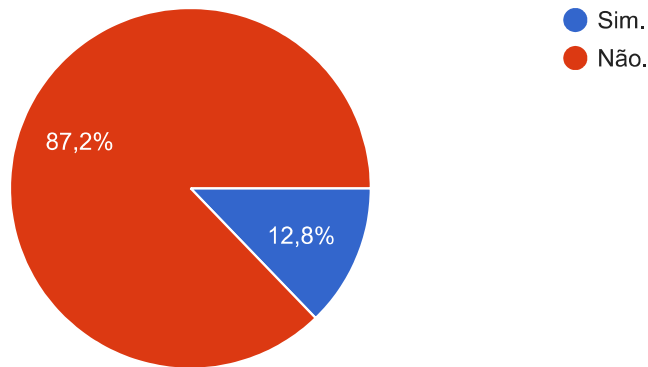
86 respostas





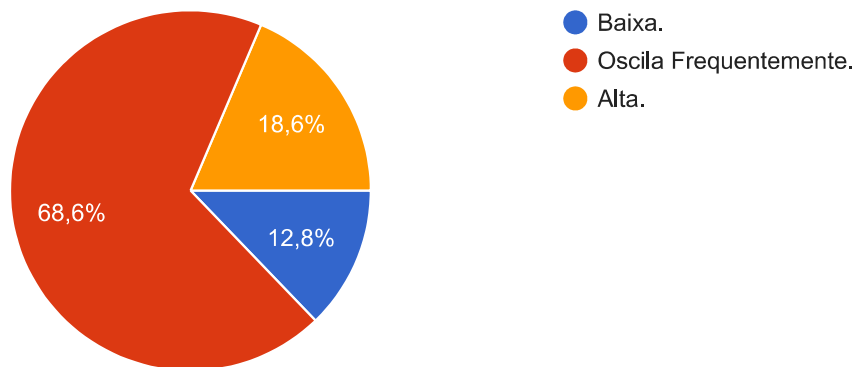
Você acha que crianças com baixa autoestima se tornam adultos com o mesmo potencial de sucesso que as crianças de autoestima elevada?

86 respostas



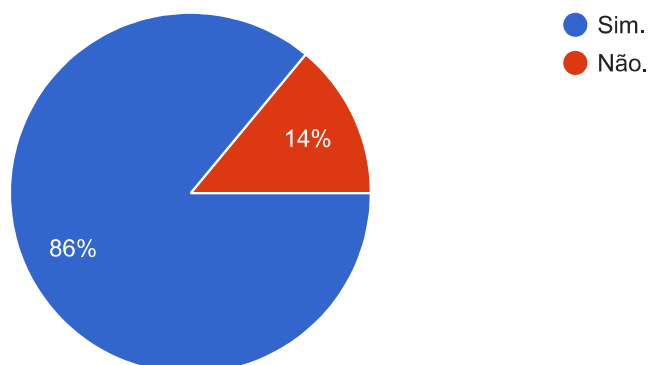
Como você classificaria sua autoestima?

86 respostas



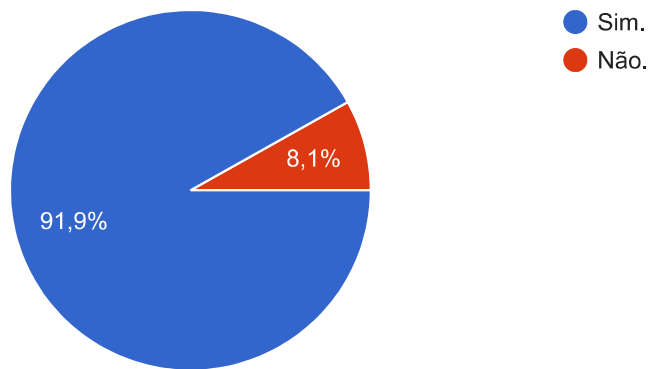
Você já se sentiu inseguro em relação a sua aparência do ponto de vista racial? (ex.: cabelos, formato do nariz e/ou lábios, tom de pele, etc.)

86 respostas



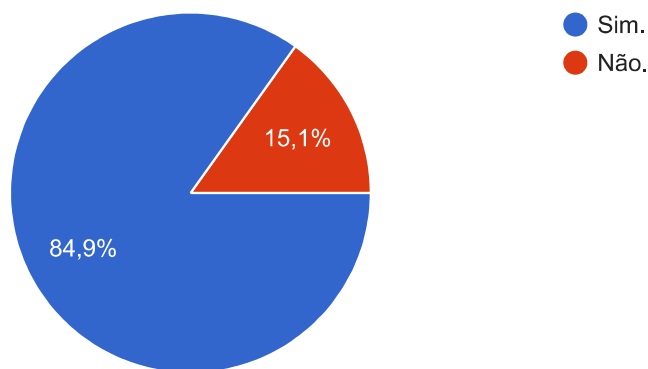
Você acredita que as referências visuais recebidas na infância (TV, internet, literatura, etc) ajudaram a moldar a sua percepção de estética?

86 respostas



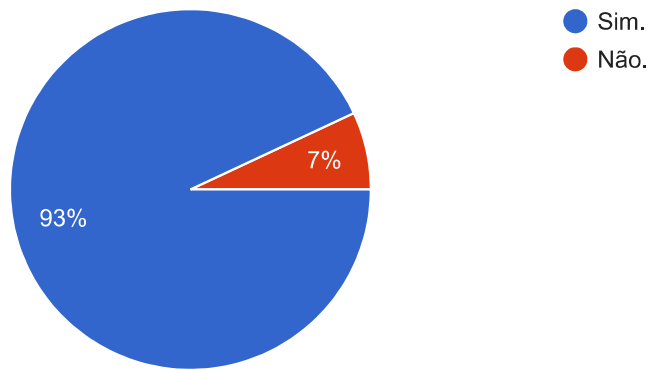
Você se lembra de ter sofrido bullying/ofensas, brincadeiras de “mau gosto” ou ter sido tratado de forma diferente por causa das características físicas? (ex.: cabelos, formato do nariz e/ou lábios, tom de pele, etc.)

86 respostas



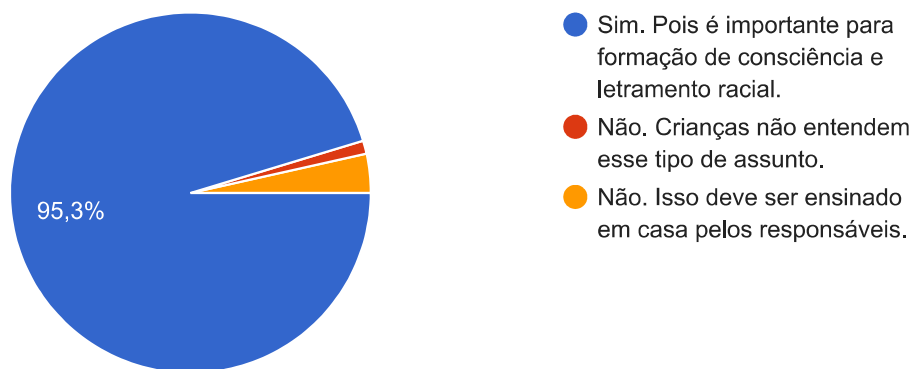
“O elogio pode se configurar como a maneira pela qual as opiniões do outro se mostram para a criança e interferem na maneira com que ela vê a si mesma e, portanto, no processo de formação da autoestima.(ZATTONI 2011) ” Você concorda com esta afirmação?

86 respostas



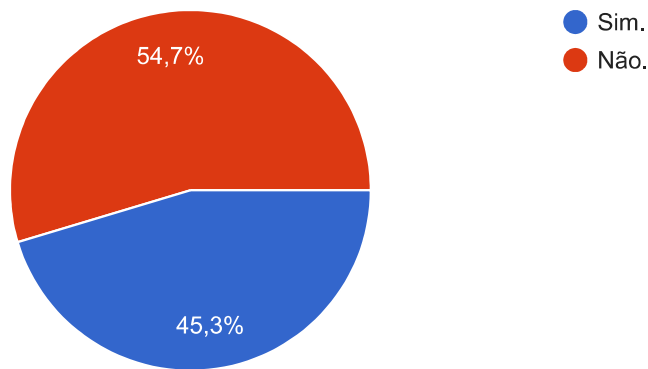
Você é a favor de que temas raciais sejam abordados na escola?

86 respostas



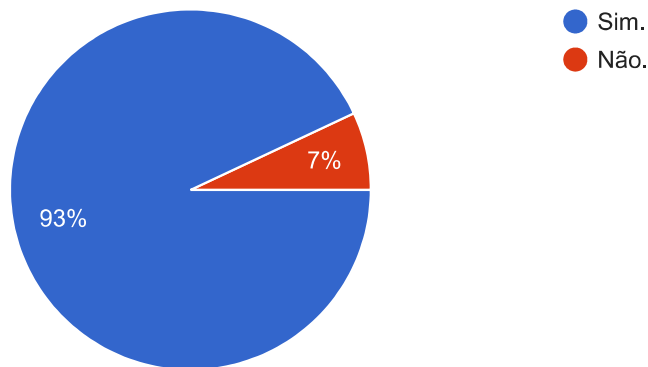
Você já ouviu falar da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas?

86 respostas



Você acredita que leis como a mencionada na questão acima podem ajudar a amenizar práticas de racismo a médio/longo prazo?

86 respostas



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários





## ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Tipo:** Semiestruturada

**Sujeitos:** Professores de alunos de até 14 anos da rede pública e/ou privada do município do Rio de Janeiro/RJ

**Objetivo:** investigar se os profissionais de educação consideram a representação literária um fator influente no desenvolvimento de uma autoimagem mais saudável ao longo do processo de aprendizado e socialização infantil.

**1) A(s) instituição(ões) de ensino na(s) qual(is) você trabalha disponibiliza(m) material voltado para a temática racial? (Considera-se aqui todo material utilizado em aula)** “Fica logo claro que queremos, nem mais nem menos, criar periódicos ilustrados destinados especialmente aos negros, canções para crianças negras, até mesmo livros de história, pelo menos até a conclusão dos estudos. Pois, até prova em contrário, estimamos que, se há traumatismo, ele se situa neste momento da vida.” (FANON, 2008, p. 132).

- a. **Se não**, você tem autonomia para utilizar material literário?
  - a. Há uma movimentação por parte dos demais professores para conquistar tal autonomia?
  - b. **Se sim**, quais conteúdos “extras” você costuma abordar com seus alunos?

**2) Lei 10.639/03**

- a. Caso lecione há mais de 25 anos: Após a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, você notou diferença significativa no material disponibilizado?
- b. Caso lecione há menos de 25 anos: Acredita que iniciativas legais como a Lei 10.639/03 são eficazes em produzir resultados no cotidiano educacional?

**3) Como educador (a), você considera que uma boa formação identitária influencia no desenvolvimento escolar do aluno? Em outras palavras, você acha que alunos que possuem autoconceito positivo tendem a ter um desempenho melhor? Conceituando autoconceito:** a atitude valorativa que um indivíduo tem sobre si mesmo, sobre sua própria pessoa. Trata-se da estima, dos sentimentos, experiências ou atitudes que o indivíduo desenvolve sobre seu próprio eu. (COLACITI, 2006. p.2)

**4) Você considera adequada a representação da pessoa negra nos materiais (didáticos e paradidáticos) que a instituição de ensino na qual você trabalha disponibiliza?** “Nos livros analisados que abordam a temática da escravidão, o fato histórico é relatado como uma decorrência da colonização e a utilização da mão-de-obra

escrava negra seria em razão da superioridade física dos negros em relação aos indígenas, transparecendo como natural os castigos e humilhações sofridos pelos(as) negros(as) no período de escravização.(BRANCO, 2005. p.83)”

- 5) Você nota diferença entre a forma que crianças negras e brancas enxergam a si mesmas?** “as crianças começam a perceber que as pessoas não são todas iguais, que existem diferenças entre elas e uma delas é a racial. Se essa problemática não for discutida desde a educação infantil, o processo de aceitação de identidade será muito mais complexo do que deveria. (NAZARÉ; SOUSA; FERREIRA; AMORIM, 2020. p.2)”
- 6) Você acredita que as crianças percebem e compreendem diferenças raciais?** “Para a criança branca, essas obras literárias (com ponto de vista sociológico, cultural e estético euro centrado) podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”; por outro lado, pode subestimar, estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra. (CASTILHO, 2004. p.109)”
- 7) Você já presenciou algum caso de violência racial entre os alunos? Se sim, gostaria de relatar?** “Estas atitudes preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências etnicorraciais e sociais, afetam o desempenho com relação ao seu aprendizado, especialmente do aluno negro em relação ao branco, o desestimulando e o tornando mais suscetível a repetência e a evasão (MUNANGA, 2005, p. 16)”

#### **Prévia da entrevista**

- Em qual instituição se graduou?
- Há quanto tempo leciona?
- Faixa etária dos alunos
- Leciona em instituição pública, privada ou ambos?
- Etnia
- Gênero

## **RELATOS DE VIOLÊNCIA RACIAL E COMPORTAMENTO DOS ALUNOS A RESPEITO DA PRÓPRIA IMAGEM**

### **Professora 1**

“Racismo explícito eu nunca presenciei. Mas eu só trabalhei em escolas particulares. Vejo sim muito bullying, mas racismo não me recordo, mas já ouvi falar de muitos colegas, inclusive com professor.”

### **Professora 2**

“No ballet. Uma menina veio falar da outra colega que não estava de coque porque a mãe dela não estava em casa e ela não conseguiu fazer sozinha. Ela usou palavras bem pesadas e eu chamei para conversar, disse que aquilo não se fazia e avisei a mãe dela porque aquilo era recorrente inclusive com outras crianças. Eu acredito que os pais não deram instrução para ela sobre esse assunto, mas também não reprimiam quando ela fazia algo errado. Eu acredito que o primeiro lugar que a gente tem que abordar isso é na escola. Quem sabe a gente consegue resgatar nossas crianças e ela podem levar isso para dentro de casa, através de livros com protagonismo negro, vídeos, jogos... existem muitas formas.”

### **Professora 3**

Relato nº1: “Agora encerrei uma turma que estava comigo a 3 ou 4 anos. Quando eu comecei com essa turma, no início era muito comum, muito comum! Principalmente essa coisa do xingamento, “ah seu macaco” “ah cabelo de bombri!” e hoje em dia é mais tranquilo. Às vezes até acontece, mas na mesma medida tem a intervenção de outra criança ‘Não faz isso, racismo é crime!’”

Relato nº2: “Eu tenho uma criança que justificava (negro retinto) tudo, “não tia, porque eu sou preto então não dá” ‘porque eu sou feio’. Vai de encontro a formação da autoestima.”

Relato nº3: “Uma menina, também retinta. E volta e meia ela usava trança, e quando ela vinha sem trança ela chegava num humor totalmente diferente. E a mãe dela falou que ela estava diferente porque estava sem trança e antes mesmo da mãe falar eu já tinha notado. O caminho que encontrei foi mostrar



fotos de pessoas de cabelo natural. E ela disse tia quando eu estou sem trança, meu cabelo é curto e não balança'. Aí com o tempo ela foi lidando melhor. Eu acho que ela ainda não lida 100% tranquilamente com isso, mas comparado as primeiras experiencias dela sem a trança, era uma experiencia diferente."

#### **Professor 4**

"Quando a gente estava nos preparos para essa semana (da Consciência Negra), eu fiz uma curadoria de curtas e passei para as crianças e deixei disponível no auditório da escola para as outras turmas assistirem quando pudesse. Uma aluna minha é negra e tinha com o cabelo com química e fez o *big chop*\*, tirou a química e ficou com o cabelo natural e as outras crianças começaram a perguntar 'o que aconteceu com o seu cabelo' e tal. Aí a gente organizou o dia do penteado na escola, todo mundo foi com o seu penteado de cabelo bonitinho e a gente assistiu ao Hair Love e as crianças apontando falando o nome dessa menina, mas super saudável. Aí quando fomos comer um dos meninos falou "A x tem cabelo duro"... aí fiquei possesso! Chamei a turma para a sala e falei para todos que aquilo era crime e que ele não podia falar assim dela num tom bem assertivo. Não sei se a turma entendeu a gravidade, ainda mais naquele dia porque pareceu que tudo que foi falado entrou por um lado e saiu pelo outro."

*\*Big Chop: Termo utilizado para o corte total do cabelo com química no processo de transição capilar.*